



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**PAULA CRESPO CERRI**

**UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DA FILOSOFIA OCIDENTAL, OS REFLEXOS  
DAS ESTRUTURAS, TALVEZ, EM UMA PERSPECTIVA METAPOLÍTICA.**

**RIO DE JANEIRO**

**2020.2**

**PAULA CRESPO CERRI**

**UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DA FILOSOFIA OCIDENTAL, OS REFLEXOS  
DAS ESTRUTURAS, TALVEZ, EM UMA PERSPECTIVA METAPOLÍTICA.**

Trabalho apresentado a Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Campus Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, como requisito para obtenção do título de graduação em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Ulysses Pinheiro

**Rio de Janeiro**

**2020.2**

CERRI,Paula

Um olhar sobre a história da filosofia ocidental, os reflexos das estruturas, talvez em uma perspectiva Metapolítica. / Paula Crespo Cerri. – Rio de Janeiro, 2021.

VII , 49 f.; il. ; 29 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, IFCS, Rio de Janeiro, 2020.

Orientador (a): Prof. Doutor Ulysses Pinheiro.

Notas (opcional)

1. Metapolítica. 2. História da Filosofia. 3. Estruturas. Orientador (PINHEIRO, Ulysses). III. Universidade Federal do Rio de Janeiro

\* CDD

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Biblioteca da UFRJ  
Bibliotecário: XXXXXXXX– CRB XXXXXX.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**PAULA CRESPO CERRI**

**UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DA FILOSOFIA OCIDENTAL, OS REFLEXOS  
DAS ESTRUTURAS, TALVEZ, EM UMA PERSPECTIVA METAPOLÍTICA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como  
requisito para obtenção do título de graduação em  
Filosofia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.


Aprovado em: 21 de julho de 2021.

**Banca Examinadora**

 8,0 (oito)

Prof. Doutor Ulysses Pinheiro - UFRJ

 10,0 (dez)  
(Profa. Dra. Carla Francalanci - UFRJ).

 8,0 (oito)  
(Prof. Dr. Fabiano Lemos - UERJ).

Agradecimentos:

Ao meu orientador Ulysses Pinheiro,

Aos professores que encontrei,

Minha família e amigos.

## RESUMO

O presente trabalho pretende levantar questionamentos sobre a história da filosofia, vislumbrar possíveis associações entre história da filosofia e estruturas sócio-políticas, propor uma estrutura que possibilite maiores reflexões, compreender diferentes valorações dadas na esfera do pensamento como conhecimentos válidos, como princípios norteadores da ordem e reconhecimento histórico. Como método inicial, levaremos nosso olhar a duas diferentes perspectivas da história da filosofia, forjada por dois pensadores alemães modernos- Nietzsche e Hegel - questionaremos uma possível supressão dos filósofos pré-socráticos por uma filosofia socrática e seus destacados discípulos, recepcionaremos conceitos do Estruturalismo- Por Deleuze - e sua crítica – por Derrida - a fim de melhor identificar possíveis associações sócio-políticas que perpassam por essa história, e por fim realizaremos uma estrutura preposicional simbólica como sustentáculo desses deslocamentos sociais. O que se impõe como questão inexorável para se refletir, é: Se há tantas diferenças nessas duas perspectivas sobre o modo de transmissão e recepção da história da filosofia ocidental, se há tanta supressão e resplandecência de pensamentos e pensadores do que se foi possível ou permitido conhecer, como saber quantas perspectivas dessa história e quantos pensamentos foram ocultados? Por quais razões uma perspectiva tem mais valor que outra? Ou seja, se ocorreu uma elevação de alguns pensamentos em detrimento de “quase” apagamentos de outros, por assim dizer, isso traz à tona uma sensação hipotética, como possibilidade de haver possíveis graus de força desse movimento de sobrepujamento, entre pensamentos na história da filosofia (valorados x sem valor), em que se possa alcançar, no grau máximo, pensamento absoluto x pensamento oculto. Contudo, é compreensível a dificuldade da transmissão de antigos pensamentos filosóficos devido às dificuldades de inscrição e conservação dos registros, oriundas do próprio tempo. Entretanto, foi perceptível uma concatenação dos pensamentos filosóficos recepcionados com descomunal valorização e a ordem social ocidental vigente. Em síntese, esse trabalho visa problematizar fundamentos, ou melhor, filosofar, ou ainda, "nos dispor para que talvez ela, a filosofia, faça algo conosco." <sup>1</sup>

**PALAVRAS-CHAVE:** Perspectivas da historia da filosofia, estruturas simbólicas, pré-socráticos, teorias da verdade, ética, política, filosofia clássica, filosofia moderna.

---

<sup>1</sup> Heidegger in Einfuehrung in die Metaphysik, ed. M. Niemayer, Tuebingen, 1953, p.10

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	9
<b>2 ASPECTOS ESSENCIAIS DE DUAS PERSPECTIVAS DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA, ABORDADA PELOS PENSADORES MODERNOS NIETZSCHE E HEGEL .....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 NIETZSCHE .....</b>	<b>12</b>
<b>2.2 - HEGEL .....</b>	<b>15</b>
3- SÓCRATES .....	19
4-A VERDADE.....	23
5-MESTRES ANTIGOS (TEMPOS SEM SÓCRATES).....	25
6- PENSAMENTOS PERDIDOS .....	27
7- UMA BREVE ABORDAGEM SOBRE ESTRUTURALISMO .....	31
8-ESTRUTURA PREPOSICIONAL SIMBÓLICA DESSE MOVIMENTO .....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	38
REFERÊNCIAS .....	47

## INTRODUÇÃO

*"Inquietar-se acerca dos conceitos fundadores de toda história da filosofia, de constituí-los, não é proceder como filólogo ou como historiador clássico da filosofia. É sem dúvida, apesar da aparência, a maneira mais audaciosa de esboçar um passo para fora da filosofia. A saída "para fora da filosofia" é muito mais difícil de ser pensada do que em geral imaginam aqueles que julgam tê-la realizado há muito tempo com um à vontade altaneiro, e que em geral estão mergulhados na metafísica por todo o corpo do discurso que pretendem ter libertado dela."*

*Jacques Derrida<sup>2</sup>*

No período da história da filosofia denominada moderna, tempo de inovações sócio-políticas e tecnológico-científicas, é possível notar uma proposta de desenvolvimento das ideias filosóficas suscitadas pelos antigos, aliadas a luz da razão, visando o conhecimento técnico-prático do mundo como progresso social. Pois, é possível verificar na própria história da existência humana, a relação proporcional entre tempo-conhecimento-progresso, haja vista que o homem percebe através das suas próprias experiências que a aquisição do conhecimento tende a ser acumulativa e extensiva, por meio de: associações entre os objetos, repetições de fatos, cálculos descritivos dos acontecimentos, proposições dedutivas e indutivas, dentre outros. Foucault, sobre o nascimento das ciências humanas na modernidade, afirma "fazia-se do homem um objeto de conhecimento para que ele pudesse se tornar sujeito de sua própria liberdade e de sua própria existência". (FOUCAULT, 1994a, p.663)

A história da filosofia foi organizada, sistematizada e nominada pelos pensadores que compunham o período moderno, por meio de movimentos-imagéticos-contrastes sobre a antiguidade, ou seja, ao vislumbrarem e apontarem o tempo transcorrido pela antiguidade, esses pensadores reconhecem-se no seu próprio tempo, como modernos.

No que tange a esfera social é presumível a inseparabilidade da esfera política, que coordena as relações, e as transformações nesse tempo denominado moderno, sobretudo nas alterações das relações de instâncias de poder dos Estados: religioso, aristocrático, militar, e consequentemente pelos diversos fatos sociais, tais como: revoluções, guerras, desenvolvimentos econômicos industriais, impérios nacionais, descobrimentos científicos, movimentos civis; Tudo isto, evidenciava o esgotamento do primeiro plano do idealismo como ordenamento social

---

<sup>2</sup> DERRIDA, Jacques. "A Estrutura, o Signo e o Jogo no discurso das Ciências Humanas" In: \_\_\_\_\_. *A escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 415



ocidental, ou seja, uma necessidade de reagrupamento das esferas de poder para novas demandas político-sócio-econômicas. O conhecimento científico por meio de seu grande poder técnico prático tornou-se alvo de disputa do Estado, que no plano antigo de ordenamento social era tutorado pela religião e credenciado pelo Estado. Depois da visibilidade da dimensão do poder de conhecer e a sua utilidade de dominar, todas as instâncias de poder anteriores precisariam se realocar para não perder este controle. Em uma denominação histórica, sendo breve, geral, com a finalidade de atentar-nos no cerne de uma possível perspectiva filosófica genitora ascendente estrutural das ordens sociais, essa realocação das instâncias de poderes significou: a emancipação do conhecimento da tutela da religião, o fortalecimento dos Estados e conciliação interna para proteger-se ou expandir-se externamente, as implantação e solidificação dos sistemas econômicos de lucro e produção e a ressignificação e a diversificação da religião, e tudo isso em uma nova perspectiva de homem consciente de seu poder-saber.

Assim, os pensadores modernos, pós-viventes dessas turbulências seculares, sentiam-se impelidos de uma reorganização concernente com o desenvolvimento humano-social, ao mesmo tempo, sentiam-se criadores de novas idealizações. Na filosofia, foi tempo de abundância de diversos sistemas de conhecimento ora aproximando-se das ciências físico-tecnológicas, ora, aproximando-se da religião com caráter ético-prática das ações humanas, assim como, a literatura e as artes instanciaram o moderno poder cultural. Novos planos, novas demandas, novas ideologias, novas políticas, novos aparatos linguísticos e novas estruturas de organização social.

Segundo Nietzsche,

O século dezenove busca, instintivamente, teorias que lhe justifiquem a submissão fatalista ao império dos fatos. O êxito alcançado por Hegel sobre a “sentimentalidade” e sobre o idealismo romântico, deve-se ao qual já possuía de fatalista no conjunto de seu pensamento, à fé na razão superior de que dispõe aquele que triunfa, à justificação do “Estado” verdadeiro (em lugar da “humanidade”, etc.).  
(NIETZSCHE, 2007, p.108)

Além disso,

Até hoje não conheci nada mais estranho e distanciado de mim do que toda a casta, europeia ou americana, dos “libres penseurs”. Entre mim e eles – incorrigíveis cabeças de vento, palhaços das “ideias modernas”-, há um abismo mais profundo do que o que porventura existe entre eles e qualquer outro dos seus adversários. Também estes pretendem, a seu modo, “melhorar a humanidade” à sua imagem. Declarariam guerra de morte ao que eu sou se pudessem compreender o que eu quero; acreditam todos, ainda, no “Ideal”... Eu sou o primeiro imoralista.  
(NIETZSCHE, 2016, p.83)

Para Nietzsche, é evidente que alguns filósofos, desde a antiguidade, contribuem com seus sistemas teóricos concernentes a prática de submissão das massas aos poderes vigentes

garantidos pela moral. E ainda, os auto-intitulados livres pensadores modernos produziram uma "segunda edição do idealismo" - pano de fundo e cenário de toda encenação de dominação sistêmica moderna, adaptada, aperfeiçoada, e reorganizada para atender as novas demandas. Novo plano catastrófico ocidental repaginado para o homem social global. Catastrófico a nível cultural-existencial.

Sobre esse idealismo moderno, segundo Foucault:

Sob formas diferentes, esse tema representou um papel constante desde o século XIX: proteger, contra todas as descentralizações, a soberania do sujeito e as figuras gêmeas da antropologia e do humanismo. Contra a descentralização operada por Marx - pela análise histórica das relações de produção, das determinações econômicas e da luta de classes - ele deu lugar, no final do século XIX, à procura de uma história global em que todas as diferenças de uma sociedade poderiam ser conduzidas a uma forma única, à organização de uma visão do mundo, ao estabelecimento de um sistema de valores, a um tipo coerente de civilização. À descentralização operada pela genealogia nietzschiana, o tema opôs a busca de um fundamento originário que fizesse da racionalidade o *telos* da humanidade e que prendesse a história do pensamento à salvaguarda dessa racionalidade, à manutenção dessa teleologia e à volta, sempre necessária, a este fundamento.  
(FOUCAULT, 2008 p.14)

O abismo, entre esses filósofos - organizadores de uma "2ª Edição do Idealismo" - e Nietzsche, nos revela toda a sua honestidade. Nietzsche contemplou por meio de estudos a cultura antiga, e viveu, em seu tempo, o resultado de degenerescência cultural de outrora.

É reação, a antevisão e sensação, desse filósofo em ocorrência de uma "2ª edição de idealismo" - longamente planejada, por séculos anteriores, testada paulatinamente em diversas formas de efetivação, e bem definida em seu próprio tempo. Tempo cronológico degenerado ao que ele quimericamente vivia, com potencial alcance de degradação cultural, denominada por ele, de tempo dos últimos homens. Efeito de uma degeneração cultural de um tempo, já degenerado culturalmente. "A racionalidade mais elevada é um estado frio, claro, que está longe de proporcionar aquele sentimento de prazer que toda espécie de embriaguez traz consigo" (NIETZSCHE, 2008, p. 235 §434). Em outra passagem, queixa-se:

Inteligência, clareza, dureza e logicidade como armas contra a selvageria das pulsões. As últimas têm de ser perigosas e ameaçar com a derrocada: caso contrário, não há sentido em desenvolver a inteligência até essa tirania. Fazer da inteligência uma tirania: - mas, para tanto, as pulsões têm de ser tiranas. Este é o problema. - Era muito oportuno, então. Razão [Vernunft] tornou-se = virtude = felicidade.  
(NIETZSCHE, 2008, p. 234 §433)

É possível sentir o desespero desse filósofo que ansiava frear o refinado processo de putrefação da humanidade.

É necessário, ainda dizer, neste ponto, que não era apenas mais um filósofo que se debruçara aos estudos dos antigos, mas um filósofo dotado de uma sensibilidade artística cultural em sua extensão, que sentia doer em sua própria carne, a cultura se definindo. Seu corpo escrevia em reação a fim de combater a doença.

A cada filigrana de cultura que jazia em seu ser, o seu corpo ressoava vida, e era preciso ser bailarino para suportar toda dor corpórea em prol da arte de libertar as ações humanas.

Derrida em seu ensaio "Violência e Metafísica" explicita "a dominação grega do Mesmo e do Um como uma opressão, que certamente não é semelhante a nenhuma outra no mundo, opressão ontológica e transcendental, mas também origem e álibi de toda opressão do mundo". (DERRIDA, 2009 p. 117).

A partir deste panorama inicial, iremos expor a essência das diferentes perspectivas da história da filosofia abordada pelos pensadores modernos Nietzsche e Hegel, a fim de levantar questões sobre diferentes valorações dadas aos diferentes pensamentos na antiguidade e forjar alguma estrutura que esteja em consonância com os pensamentos antigos valorados, reorganizados na modernidade, e compactuados com o sistema político-sócio-econômico da sociedade ocidental.

## **1-ASPECTOS ESSENCIAIS DE DUAS PERSPECTIVAS DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA, ABORDADA PELOS PENSADORES MODERNOS NIETZSCHE E HEGEL**

### **1.1-NIETZSCHE**

*O caminho para as origens leva por todos os lados à barbárie; e quem se dedica aos gregos deve sempre ter em mente que o impulso de saber em si, quando indomado, é em todas as épocas tão barbarizante quanto o ódio ao saber, e que os gregos domaram seu próprio impulso de saber, em si insaciável, por meio de uma vida prudente, por uma ideal necessidade de viver – pois logo queriam viver aquilo que aprendiam. Os gregos também filosofaram como homens da cultura, e, assim, pouparam-se de inventar mais uma vez, a partir de alguma presunção autóctone, os elementos da filosofia e da ciência, mas começaram imediatamente a preencher, reforçar, elevar e purificar esses elementos adquiridos, de modo que agora, já num sentido superior e numa esfera mais pura, tornaram-se inventores. Pois eles inventaram as típicas cabeças de filósofos, e toda a posteridade não lhes acrescentou nada de significativo.*

**Friedrich Nietzsche<sup>3</sup>**

---

<sup>3</sup> NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. A filosofia na era trágica dos gregos. Trad. Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011 p.30

No início de seu texto intitulado “A filosofia na era trágica dos gregos”, Nietzsche anuncia que irá proferir, nesta obra sobre a história da filosofia, a personalidade dos mestres antigos (assim referia-se aos filósofos pré-socráticos da antiguidade) em defesa da grande importância do modo de viver desses filósofos e os múltiplos modos de se fazer filosofia. Pois os sistemas filosóficos criados são suscetíveis a refutações, são falhos, incompletos por si, e, neste caso, incompletos também por circunstâncias factualmente históricas. O filósofo Nietzsche - pluralista, experimentalista, contestador de sistemas, genealogista da moral – subverte a superioridade dos sistemas filosóficos criados (conteúdos) sobre o *modus vivendi operandi* (como agir, o meio, o caminho), a forma de ser desses filósofos, como esses filósofos agiam, viviam e defendiam a sua filosofia. O que ele propõe, aos seus leitores atentos, é a importância da filosofia feita com coragem, filosofia em si, talvez ele parafraseasse, antecipadamente, Guimarães Rosa<sup>4</sup> em seus devaneios “O que a Filosofia quer da gente é um pouco de coragem”. Assim, Nietzsche apresenta:

(...) Esta tentativa de contar a história dos filósofos gregos mais antigos diferencia-se de tentativas semelhantes pela sua brevidade, a qual foi alcançada mencionando-se somente um número mínimo de suas doutrinas, e, portanto, por meio de incompletude. Foram, no entanto, escolhidas aquelas doutrinas nas quais aquilo que há de pessoal em cada filósofo ressoa com maior força, enquanto que uma completa enumeração de todos os aforismos que nos foram deixados pela tradição, como é de praxe nos manuais, leva inevitavelmente ao total emudecimento do que é pessoal. É por isso que tais relatos se tornam tão enfadonhos: porque em sistemas já refutados a única coisa que pode nos interessar é o pessoal, pois é isto que será eternamente irrefutável.  
(NIETZSCHE, 2011, p.24-25)

Essa atitude filosófica dos mestres antigos (pré-socráticos) parece contribuir essencialmente para a filosofia, muito além de qualquer sistema, como um movimento de abertura do próprio porvir filosófico, como podemos ler em Descartes, em linhas finais da primeira parte do seu "Discurso do Método" quando exprime: "Tomei um dia a resolução de estudar também em mim mesmo, e de empregar todas as forças de meu espírito na escolha que deveria seguir" (DESCARTES, 1979, p. 33). Ou ainda, no espírito de Pascal “Tenho o espírito cheio de inquietação. 'Estou cheio de inquietação' é melhor." (PASCAL, 1984, § 56).

---

<sup>4</sup> Alusão ao trecho “O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”, da obra “Grande Sertão: Veredas” do escritor brasileiro João Guimarães Rosa.

Em seu ensaio intitulado "O pensamento filosófico em bases existências", sentencia Borheim: "A atitude inicial do filósofo determina o caráter último de sua filosofia." (BORHEIM, 1969, p.1), o autor em continuidade, revela-nos que há uma espécie de percurso, itinerário prévio a ser sentido pelo filósofo antes do próprio filosofar. É desta atitude que nos suscita Nietzsche, tão bem demonstrados pelos antigos gregos e também pelo próprio.

Concebemos essa atitude filosófica como a forma presente em toda obra, a forma é este corpo que dialoga com o leitor na ausência do autor. É o corpo do filósofo em movimento que constrói e representa o conteúdo do seu sistema. Intuímos que a forma, neste caso, precede o conteúdo, é como se a forma estivesse esperando o conteúdo chegar, tamanha harmonia que há entre forma e conteúdo nos sistemas filosóficos bem elaborados, como visto nos grandes pensadores supracitados. Na embriaguez de Deleuze: "Os grandes filósofos são também grandes estilistas. O estilo em filosofia é o movimento do conceito" (DELEUZE, 2013, p.180)

O que pretendemos demonstrar é a importância da Forma, das múltiplas atitudes, na perspectiva histórica da filosofia escrita por Nietzsche, ou seja, a importância do Movimento do corpus filosófico dos mestres antigos em detrimento de qualquer verdade proferida pelos conteúdos que compõe os sistemas.

As primeiras palavras introdutórias de um texto sobre a Filosofia na era trágica dos gregos, de imediato demonstram irreverência e contraposição do comum, pois em geral, escritos relacionados à história da filosofia visam estimar mais a doutrina do que à personalidade, a forma como viviam – para melhor precisão e rigor de sua filosofia (conteúdos), e ainda, em relação à Filosofia, tende-se a adoração aos sistemas, os sistemas são os filhos divinos dessa deusa. Portanto, a “história da filosofia” iniciada na modernidade, contada por meio dos manuais concentra-se em fazer uma progressão linear desses conceitos, como se o sistema posterior fosse um desenvolvimento, aperfeiçoamento das falhas e lacunas deixadas pelos sistemas anteriores, além disso, ter-se-ia a convicção de que os sistemas criados são completamente imunes a personalidades de seus genitores, afinal quem faz filosofia ama a sabedoria, e buscar a verdade faz parte da natureza humana. A verdade não pode atender aos interesses particulares, ela é universal. Assim foi transmitida a virtuosa filosofia, pelo homem Sócrates que não foi nomeado o primeiro filósofo, mas o primeiro filósofo é reconhecido como pertencente a um grupo nomeado como antecedente àquele.

Platão obteve êxito surpreendente ao expulsar os poetas de sua República: expulsou-os do reino da Filosofia. E por muito tempo, não obstante a escassa exceção representada por Aristóteles, a poesia deixou de constituir problema para os filósofos. Chegou-se até a esquecer que a filosofia nasceu da poesia, e isso não pelo fato exterior de que a maioria dos filósofos pré-socráticos expressava-se em verso; (BORHEIM, 1986, p.61)

Nietzsche, em sua obra apologética, com forma dionisíaca, sobre a arte grega, "O nascimento da tragédia", afirma em relação à essa atitude de Platão:

Ele que na condenação da tragédia e da arte em geral, não fica certamente atrás do ingênuo cinismo do seu mestre, precisou, por necessidades inteiramente artísticas, criar uma forma de arte que tem parentesco interno justamente com as formas de artes vigentes e por ele repelidas. A principal objeção que Platão tinha a fazer contra a arte mais antiga – a de ser uma imitação de uma imagem da aparência, de pertencer, portanto, a uma esfera ainda mais baixa que a do mundo empírico – não poderia ser sobretudo dirigida contra a nova obra de arte – e assim vemos Platão empenhado em ultrapassar a realidade e representar a ideia subjacente àquela pseudo-realidade. (NIETZSCHE, 2007 p. 85 e 86)

Esse grupo de filósofos livres em seus pensamentos e ideias, pluralistas, divergentes, pensadores de ricos postulados criados em uma época tão carente de instrumentos e rigores científicos, em fim, toda a centelha para as grandes fogueiras posteriores, criadas por esses grandes homens, foram agrupadas como pré-ideias, e estes, amplamente conhecidos pelos manuais como “Pré-socráticos”, ou seja, diversos sistemas, comprimidos em um só grupo, nomeado com um nome próprio e um prefixo. Prefixo que preserva um espaço – “quase” apagamento<sup>5</sup>.

Em outra perspectiva, iremos fazer uma breve passagem pelos escritos decorridos de palestras dadas por Hegel, em 1816, sobre a história da filosofia, tornadas, posteriormente, obra intitulada “Vorlesungen ueber die Geschichte der Philosophie” (Introdução à história da filosofia).

## 1.2 - HEGEL

*“Se também a história da filosofia deve narrar fatos históricos, surge imediatamente a pergunta: que coisa é um fato da filosofia, e se este ou aquele fato, é, ou não, filosófico. Na história exterior tudo são fatos, embora uns dotados de importância e outros não. Não é assim na filosofia; porque o tratar a história da filosofia nem sequer é possível, se o historiador não tiver que julgar.”*

**Hegel<sup>6</sup>**

<sup>5</sup> Apagamento -Transformação que consiste em suprimir um constituinte de uma frase dentro de condições especificadas, mantendo a possibilidade de interpretação do elemento apagado. (Dicionário da língua portuguesa Houaiss).

<sup>6</sup> HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Introdução à história da filosofia. (Col. Os Pensadores). Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1980 p. 390

Ao iniciarmos a leitura, nos deparamos logo na introdução com a seguinte afirmação: “O conteúdo desta tradição é formado por tudo quanto o mundo espiritual produziu, e o espírito universal nunca permanece estacionário. Ora, é do espírito universal que nos devemos ocupar aqui”. (Hegel, 1980, p. 322). Seja pela escolha dos vocábulos para expressar o sentimento de uma evolução do pensamento filosófico; seja pelo contínuo da leitura, da obra supracitada, preceder esta escrita, essa introdução, claramente, é o anúncio de uma história da filosofia baseada nos pressupostos filosóficos e conceitos e valoração do sistema da filosofia do autor.

Nesta obra, Hegel não enfatiza transcrições ou passagens da filosofia dos antigos, não terá elementos biográficos de pensadores antigos, como bem faz Diôgenes de Laértios<sup>7</sup> em “A vida e a doutrina dos filósofos ilustres”. Hegel não desenvolve divagações de conceitos ou ideias dessas filosofias antigas, tudo que propõe esclarecer fica a serviço de sua obra. Segundo Heidegger<sup>8</sup>, “Hegel participa da convicção dominante no que se refere ao caráter clássico da filosofia platônica e aristotélica”. Nesta perspectiva será delimitado o conceito de filosofia, suas temáticas, seus conteúdos, relações com diversos campos de modo sincrônico: religião, ciências, cultura, história, política, e seu desenvolvimento progressivo. Tudo em conformidade com o seu pensar filosófico. Segundo o filósofo: “Como a filosofia é sistema em desenvolvimento, também o é a história da filosofia” (Hegel, 1980 p.340).

O filósofo moderno constrói um caminho tão próprio para a história da filosofia e com descomunal grandeza de engenhosidade que acreditamos estar diante de uma ciência da história da filosofia, como o próprio diz. Pois, nesta história da filosofia, os fatos filosóficos compõem uma trama, são necessários e substanciais para o tempo que sucede. Não é uma memoração, ordenada pelo tempo cronológico, para contemplarmos como nas belas artes, ou ainda, ressurgir com novas interpretações, novas combinações, às vezes transportá-las, mas sempre imóveis, fixas, estáticas, como coisa morta. O autor, mesmo trazendo a história da filosofia para si, dá vida e sentido a ela. Enaltece-a como necessidade e liberdade. Tornando assim, outras versões, apenas manuais de consulta, curiosidade, mesmo que seja mais completa em relação a informações que se possa ter desses tempos longínquos. Assim, acaba por evocar uma distinção: uma história dá sentido e encadeamento para o hoje, o que apenas relata sem encadear, é apenas arquivo. Conforme afirma:

---

<sup>7</sup> Historiador, poeta e biógrafo dos antigos filósofos gregos. A sua maior obra é *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, composta por dez livros, que contêm relevantes fontes de informações sobre o desenvolvimento da filosofia grega.

<sup>8</sup> Filósofo Martin Heidegger, texto “A Sentença de Anaximandro”, trad. Ernildo Stein (apud *Coleção Os pensadores “Os pré-socráticos”*. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 20

Os produtos do pensamento constituídos em pensamento formam o próprio ser do espírito. Nem por isso estes conhecimentos são coletânea de noções, ou conhecimentos do que é morto, soterrado e decomposto; a história da filosofia ocupa-se daquilo que não envelhece, daquilo que é o presente vivo. (HEGEL, 1980, p.346)

Portanto, o filósofo reconhece a importância de toda a dimensão histórica do livre pensar para alcançar as realizações do seu tempo, como revela esta passagem:

No início, a filosofia é a mais abstrata precisamente por ser a inicial que ainda não se desenvolveu. A última forma que, como sucessão e continuação de determinações, surge deste progredir, é a mais concreta. E esta verificação não é orgulhosa ostentação da filosofia do nosso tempo, visto ser o espírito de todo o processo que faz que a filosofia última, precisamente por ser mais desenvolvida, seja realmente o resultado das antecedentes operações do espírito pensante; preparada e suscitada pelos resultados precedentes, ela não brota do nada. (HEGEL, 1980, p. 348).

Assim, sua história da filosofia é incorporada a filosofia presente, como múltiplas realizações em sinergia com o uno espírito universal. O autor ainda faz imensas críticas a historiadores da filosofia que se designam a encontrar ou interpretar filosofemas, atribuindo escritos próprios a cada pensador daquele tempo e que não há nenhuma confirmação histórica sequer dessas contribuições. Prossegue ainda, relatando com propriedade, uma justa cautela em lidar com o pensamento desses antigos pelo perigo de modelarmos na forma de nossas reflexões.

Foucault em sua arqueologia do saber, sobre a tradição, afirma:

Assim é a noção de tradição: ela visa a dar uma importância temporal singular a um conjunto de fenômenos, ao mesmo tempo sucessivos e idênticos (ou, pelo menos, análogos); permite repensar a dispersão da história na forma desse conjunto; autoriza reduzir a diferença característica de qualquer começo, para retroceder, sem interrupção, na atribuição indefinida da origem. (FOUCAULT, 2008 p.19)

E complementa, adiante,

Assim também ocorre com as noções de desenvolvimento e de evolução: elas permitem reagrupar uma sucessão de acontecimentos dispersos; relacioná-los a um único e mesmo princípio organizador; submetê-los ao poder exemplar da vida (com seus jogos de adaptação, sua capacidade de inovação, a incessante correlação de seus diferentes elementos, seus sistemas de assimilação e de trocas); descobrir, já atuantes em cada começo, um princípio de coerência e o esboço de uma unidade futura; controlar o tempo por uma relação continuamente reversível entre uma origem e um termo jamais determinados, sempre atuantes. O mesmo acontece, ainda, com as noções de "mentalidade" ou de "espírito", que simultâneos ou comunidade de semelhança e de espelho - ou que fazem surgir, como princípio de unidade e de explicação, a soberania de uma consciência coletiva. (FOUCAULT, 2008 p.19)



Deleuze em seu processo de criação conceitual, na construção da sua obra "O que é Filosofia", aponta que Hegel concebe a relação da Grécia com a filosofia como uma origem e, assim, como o ponto de partida de uma história interior ao Ocidente, de modo que a *filosofia se confunde necessariamente com sua própria história*<sup>9</sup>. E em seguida, afirma,

Hegel e Heidegger permanecem historicistas, na medida em que tomam a história como uma forma de interioridade, na qual o conceito desenvolve ou desvela necessariamente seu destino. A necessidade repousa sobre a abstração do elemento histórico tornado circular. Compreende-se mal então a imprevisível criação dos conceitos.

(DELEUZE, 2010 p. 115)

Pois, nos pensamentos de Deleuze "o devir é o próprio conceito. Nasce na história, e nela recai, mas não pertence a ela." (p.133)

O que a história capta do acontecimento é sua efetuação em estado de coisas ou no vivido, mas acontecimento em seu devir, em sua consistência própria, em sua autopoisição como conceito, escapa à história.

(DELEUZE, 2010 p. 133)

Segundo Deleuze, o tempo filosófico é um grandioso tempo de coexistência que não exclui o antes e o depois, é um devir infinito da filosofia, que atravessa a sua história mas não se confunde com ela. (DELEUZE, 2010 p. 72)

Entrementes, diante desse caráter historicista dado a filosofia como fruto e realização do seu próprio tempo, e diante das questões a serem suscitadas de forma reflexiva por este trabalho, suspeitamos da recepção e transmissão da história da filosofia ser permeada por interesses e controle sócio-político, tanto no bloqueio de emergir pensamentos que não dialogue com o seu próprio tempo, ou ainda, pensamentos que tenham se realizado de acordo ao seu tempo, e mais tardar, transformam-se em teorias desconexas com o novo ordenamento prático social, tornando-se assim apagado, ocultado, suprimido.

Essa história da filosofia, composta por Hegel, evidência a associação da filosofia dialeticamente em âmbitos políticos-sócio-culturais, em composição do tempo. E essa interdependência mútua, subtrai sua liberdade.

A partir dessa análise inicial, em diferentes perspectivas, imaginemos como a história da filosofia ocidental poderia tomar diversas formas e rumos diversos como base social. Uma história da filosofia que transmitisse o espírito filosófico: como forma, atitude, concepção de

---

<sup>9</sup> Grifo do autor

múltiplas ideias dos mestres antigos, ou, ordem progressiva material de múltiplos pensamentos substanciais engendrados para compor o uno espírito filosófico universal.

A grande questão é: como ocupar-se de transmitir a história da filosofia, ou seja, atividades reflexivas, sociais e humanas, que não rompam com as fronteiras da política, desenvolvendo-a criticamente? Como pode haver objetivos, ações e intenções humanas dentro de uma sociedade que não faça parte da Política? Como pode haver tais divisões e interdependências de conhecimentos em um mundo de multi-forças atuantes, com realidades percebidas e inscritas num espaço-tempo no qual reduzem antropomorficamente e logicamente as noções de “Ou isto ou aquilo”<sup>10</sup>, como no conhecido poema infantil de Cecília Meireles? Isto eu seleciono como história, aquilo não.

## 2- SÓCRATES

*"A verdade é quem manda. Eu obedeço".*  
Aristófanes<sup>11</sup>

Portanto, falemos agora um pouco sobre o filósofo cujo nome designou o grupo dos primeiros filósofos, tamanha centralização e importância dada aos seus pensamentos – Sócrates.

Aristófanes, ao criar o personagem Sócrates em sua peça teatral, representando assim o tipo Filósofo (como é comum nos gêneros da comédia, trabalhar com tipos generalizados) a fim de que a plateia reconheça e identifique de forma crítica este tipo, tornou Sócrates um preocupado com assuntos da ciência, como ocorria com alguns pré-socráticos que investigavam a *Arché*, substância primeira, e também como parceiro de conhecimento e conceitos morais. Sócrates sempre se ocupou de assuntos relacionados à moral e ao alcance das virtudes, como ensinamentos para uma vida prática e reconhecimento da própria limitação e ignorância como bem maior.

(...) ESTREPSÍADES (reverente): Este é o Pensamental, meu caro filho. Ali vivem homens sábios, professores, que irão te ensinar, e mais: provar-te que toda a atmosfera é realmente um forno cósmico, e nós apenas somos uns fragmentos de carvão ardendo. Ainda há mais: mediante pagamento, naturalmente, oferecem um curso chamado: “O meio de vencer demandas”. É um meio honesto, enquanto for possível. FEIDIPIDES: E quem são esses homens? ESTREPSÍADES: Vou dizer-te. São grandes eruditos. Cientistas. FEIDIPIDES: Muito bem. Mas quem são? ESTREPSÍADES: Eles quem são? FEIDIPIDES: Não venhas me dizer que são esses pedantes, charlatões Cairefonte e

<sup>10</sup> Ou isto ou aquilo é um dos mais belos poemas infantis de Cecília Meireles, pois torna explícito de modo extremamente sensível a dor na necessidade de escolha.

<sup>11</sup> ARISTÓFANES. As Nuvens. Trad. David Jardim Junior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1988 p.87.

esse embusteiro Sócrates. (...) ESTREPSÍADES: Ouvi dizendo que dois tipos de Lógica lá se ensinam. Uma delas chamada Filosófica ou Lógica Moral, outra chamada de Lógica Sofística ou Socrática. Muito bem. Se, meu filho, conseguires essa segunda lógica aprender, não terei de pagar uma moeda de todas essas dívidas mofinas que só por tua causa contraí  
(ARISTÓFANES, 1988, p. 60 e 61)

Na peça de Aristófanes<sup>12</sup>, “As nuvens”, o comediógrafo nos apresenta o personagem “Estrepsíades” que dialoga e tenta convencer o seu filho a instruir-se com Sócrates, assim como aprendiam a arte da retórica com os Sofistas, por meio de um curso chamado “O meio de vencer demandas”. Utilizando-se assim uma técnica da comédia chamada de inversão. Ou seja, inverter os conteúdos de ensinamentos de um filósofo para os conteúdos de ensinamentos de quaisquer sofistas, a fim de trazer o riso ao público quando este espera algo e é surpreendido exatamente pelo inverso do que se espera. Segundo Bergson,

Inversão. Imaginemos certos personagens em dada situação: obteremos uma cena cômica fazendo com que a situação volte para trás e com que os papéis se invertam. Assim é que nos rimos do acusado dá lição de moral ao juiz, da criança que pretende ensinar aos pais, enfim, do que acabamos de classificar como “mundo às avessas”. Observamos essa técnica já na farsa antiga. Trata-se sempre, no fundo, de uma inversão de papéis, e de uma situação que se volta contra quem a criou. A cena do “ladão roubado” é dessa espécie. Ela irradia a uma multidão de outras cenas a comicidade que encerra. (BERGSON, 1983, p. 46)

As comédias, por seu objetivo persuasivo, crítico e irreverente, inevitavelmente, afetaram a imagem pública do filósofo benfeitor da praça, ora aproximando-o a um filósofo que investiga as coisas do céu e abaixo da terra desrespeitando os mistérios dos deuses ora afastando-o da própria filosofia, amigo da sabedoria, imputando-lhe objeções políticas e utilitárias em seus ensinamentos como faziam os sofistas, preferindo a supremacia do discurso em detrimento da verdade.

Observando os ensinamentos de Sócrates aos seus discípulos, podemos constatar que a intenção do filósofo em seus ensinamentos, ao citar tais práticas de maiêutica (parir ideias próprias após analisar o próprio conhecimento) teria outra função: o conhecimento de uso lógico racional para uma “auto-refutação”. Assim, ao pensar conhecer e possuir a verdade sobre uma coisa - ao questionar-se com o próprio aparato racional – tem se a inferência que na realidade não se conhecia esta coisa. Com a promessa de obter o conhecimento pela Maiêutica, pode-se dizer que realmente Sócrates cumpria, afinal obtinha-se certamente um grande conhecimento

---

<sup>12</sup> Aristófanes, assim como Ésquilo, Sófocles e Eurípedes são considerados os criadores da tragédia. É sempre citado por críticos e historiadores como o pai grego da comédia, viveu entre os anos 447 a. C e 386 a. C. (por Assis Brasil)

do desconhecimento: não havia real conhecimento dentro de si sobre as coisas. Conforme ilustra a seguinte passagem:

De forma que eu, em nome do oráculo, indaguei a mim mesmo se deveria permanecer tal como era, nem sabedor de minha sabedoria nem ignorante de minha ignorância, ou ser ambas as coisas, como eles, e respondi a mim e ao oráculo que convinha continuar tal qual eu era. - O verdadeiro saber consiste em saber que não se sabe. (PLATÃO, 2000, p.73)

Trata-se de uma interpretação ousada, haja vista que o filósofo afirmava que pelo método da maiêutica poderia alcançar, ou melhor, dar à luz a verdade das coisas. Entretanto, sendo o filósofo com ideias tão singulares, como muitos dos grandes filósofos, é possível imaginar tal ironia, de se aperceber que estava parindo apenas "não verdades" aliadas a frustração de "seus parturientes". A ironia, talvez, consista em vislumbrar que pelo uso da dialética não se encontrou verdades existentes, mas descobriu-se um meio de fazer verdades existir. Estas reflexões, de gerar conhecimento do desconhecimento, poderiam tornar-se ameaça para a Política democrática ateniense da época.

Tal filosofia que desenvolve a própria consciência dos cidadãos justificaria uma ameaça quando impostas as ações e leis pelo estado, socialmente aceitas, mas consideradas baixas pela construção de um caráter justo de um cidadão consciente. Se por um lado essa filosofia se apresenta ameaçadora, por outro, mostra-se popular, na medida em que buscava estabelecer uma racionalização para a construção dos conceitos morais que torne a sociedade um espaço civilizado onde coabitem todos em uma harmonia virtuosa e ao alcance do bem.

Em outras palavras, esta troca de perspectiva de desenvolvimento moral, aparentemente, não utilitarista, não foi tão simples para o Estado ateniense da época, Sócrates foi condenado à morte por corromper os jovens e cultuar novos deuses, todavia, deixou como legado cultural o amor pela sabedoria e pela virtude, que seriam utilizados, desde Sócrates até os dias de hoje, como instrumentos ornamentais para embasar todas as ações sociais, de forma mascarada ou não, mas aceita por todos.

Pensemos de que forma seria mais propícia à transmissão da história da filosofia ocidental se não como ocorreu, pois ao considerar os sistemas como uma linha progressiva evolutiva, estes acompanhariam os interesses e objetivos conscritos no tempo, e centraria a filosofia clássica – Socrática, Platônica, Aristotélica – como uma perspectiva central ideal estrutural para melhor desenvolver a ordem do mundo do homem ocidental. A ordem provém de presença de sentido, uma redução dos signos das coisas do mundo por um princípio orientador central de significação que ordena todos os deslocamentos dessa pintura móvel da eternidade.

Como bem expõe Derrida, sobre a função desempenhada pelo centro de uma estrutura: "Esse centro tinha como função não apenas orientar e equilibrar - não podemos efetivamente pensar uma estrutura inorganizada -, mas sobretudo levar o princípio de organização da estrutura a limitar o que poderíamos denominar jogo da estrutura." (DERRIDA, 2009 p. 408). E adiante complementa, para melhor elucidar a nossa questão:

O centro recebe, sucessiva e regularmente, formas ou nomes diferentes. A história da metafísica, como a história do Ocidente, seria a história dessas metáforas e dessas metonímias. A sua forma matricial seria a determinação do ser como presença em todos os sentidos desta palavra. Poder-se-ia mostrar que todos os nomes do fundamento, do princípio ou do centro, sempre designaram o invariante e uma presença (eidos, arche, télos, energia, ousia [essência, existência, substância, sujeito] aletheia, transcendentalidade, consciência, Deus, homem etc.). (DERRIDA, 2009, p.409)

No decorrer deste trabalho, tornar-se-á mais clara essa elucubração Derridiana sobre as estruturas, decorrentes do Estruturalismo, em um capítulo mais adiante.

O que pretendemos questionar nesse capítulo, sobre o filósofo Sócrates, não é a intencionalidade da valorização da filosofia Socrática como um caminho que desenvolve princípios centrais para uma ordenação estrutural social, pois essa busca por uma presença, talvez coexista desde sempre como obra da necessidade.

O que se faz como presença agora - como questão- é a idolatria virtuosa pela necessidade de um centro. Esse amor destinado ao centro, fomos ensinados por Sócrates. Herdamos esse amor.

Platão escreveria o diálogo "Apologia de Sócrates" como grande discípulo e admirador, eternizando a grande injustiça sofrida pelo mais sábio e o mais justo dos homens, que, mesmo diante de condenado à morte, manteve-se fiel às virtudes e às ideias que vivia. É a "verdade" não para um bem viver, é um viver pela verdade!

Algum de vós poderia talvez alterar-me: "Sócrates, não te envergonhas de haveres exercido tal atividade, que agora coloca em risco tua vida?" Eu responderia a este: "Não falas bem se pensas que alguém, tendo capacidade de fazer algum bem, mesmo sendo pequeno, deva calcular os riscos de vida ou de morte e não deva olhar o injusto e se pratica as ações de homem honesto e corajoso ou de infame e mau". (PLATÃO, 2000, p.80)

Com efeito, atenienses, recear a morte não passa de julgar ser sábio e não sê-lo, dado que significa pensar saber aquilo que não se sabe. E, em verdade, ninguém sabe se, por acaso, ela não seja o maior de todos os bens que podem ser dados ao homem e, contudo, receiam-na como se soubessem que ela é a maior das desgraças. E não é ignorância, a mais vergonhosa das ignorâncias, acreditar saber o que não se sabe? (PLATÃO, 2000, p.81)

Considerando que Sócrates e Filosofia são vocábulos intercambiáveis por se tratar de um homem que se coloca acerca das questões reflexivas pela busca do conhecimento e da verdade, valores tão pertinentes à humanidade, que nos foram apresentados pela história da Filosofia Clássica Grega, nos induz pensar, uma extensão de defesa e condenação da própria Filosofia pela morte de Sócrates, assim como sua posterior redenção. É evidente que Sócrates representa a primeira condenação da Filosofia ou o pensamento reflexivo, de forma geral, como uma atividade que atravessa a política, em um primeiro movimento, como uma ameaça, e depois como estratégia. Pelos ditos de Platão,

“Sócrates é réu de haver-se ocupado de assuntos que não eram de sua alçada, investigando o que existe embaixo da terra e no céu, procurando transformar a mentira em verdade e ensinando-a às pessoas”. (PLATÃO, 2000, p.68)

Um homem real, um homem político - assegura a cidade, toda a felicidade de que pode desfrutar, conforme passagem:

ESTRANGEIRO – Eis, pois, terminado em perfeito tecido o estofo que a ação política urdiu quando, tomando os caracteres humanos de energia e moderação, a arte real congrega e une suas duas vidas pela concórdia e amizade, realizando assim, o mais magnífico e excelente de todos os tecidos. Abrange, em cada cidade, todo o povo, escravos ou homens livres, estreita-os todos na sua trama e governa e dirige, assegurando à cidade, sem falta ou desfalecimento, toda a felicidade de que pode desfrutar. SÓCRATES, O JOVEM – Excelente retrato, estrangeiro, que terminas, agora, do homem real e do homem político. (Político - A natureza social e suas contradições). (PLATÃO, 1987 p. 225)

Trechos como citados acima deixam claro que a filosofia clássica comporia a base material ideal para qualquer construção sistemática-social, por meio de uma massa pacífica, maleável, adaptável, moldável *por qualquer “quem”, em qualquer “onde”, por qualquer “como”,* se a filosofia altruísta virtuosa, que embasou nosso corpo social, já nos deixou um *“para que”*. *Sócrates nos educou amar a busca virtuosa pela verdade, compondo o centro ilimitado da nossa estrutura.*

### 3-A VERDADE

*"A essência da verdade sempre aparece à metafísica apenas na forma derivada da verdade do conhecimento e da enunciação. O desvelamento, porém, poderia ser algo mais originário que a verdade no sentido da veritas."*

**Martin Heidegger**<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> HEIDEGGER, Martin. Conferências e escritos filosóficos – O retorno ao fundamento da metafísica. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1996 p. 79 (Col. Os Pensadores)

Segundo Foucault, no livro “A verdade e as formas jurídicas”, coloca-se em suspeita conceitos há muito tempo arraigados sobre: o conhecimento, a verdade, a preexistência de um sujeito de conhecimento; colocando em análise histórica a própria formação do sujeito e o nascimento de certo tipo de saber.

Para melhor ilustrar esse movimento de pesquisa histórica e melhor fundamentar sua suspeita, Foucault cita o filósofo Nietzsche, por meio de trechos de diferentes obras, destruindo ideias firmadas de: um conhecimento pré-sujeito, a preexistência de um sujeito de conhecimento, uma verdade originária a ser conhecida e investigada pelo homem que tem por natureza o desejo de conhecer essa verdade.

Nietzsche, em sua obra “Gaia ciência”, usa a palavra em alemão “Erfindung” atrelada ao conhecimento, que significa invenção. O homem em determinado ponto do tempo e lugar inventou o conhecimento, o conhecimento foi fabricado pelo homem; distinguindo assim do termo em alemão “Ursprung” - que significaria a origem do conhecimento como algo dado, natural do homem. Portanto, nesta perspectiva o conhecimento teria sido inventado pelo homem, logo, não tem origem (FOUCAULT, 2013, p. 23 e 24).

Segundo Nietzsche, não há explicação dos fatos apenas interpretação, pois as palavras são apenas sons (metáfora) elas jamais designam qualquer coisa.

As palavras são meros símbolos para as relações das coisas entre si e conosco, e não tocam em parte alguma a verdade absoluta: e os próprios termos “ser” e “não ser” designam apenas a relação mais geral que prende todas as coisas umas às outras. Sendo, portanto, a existência das coisas em si indemonstrável, logo, a relação das coisas entre si, o assim chamado “ser” e “não ser” tampouco poderá levar-nos um passo sequer em direção aos domínios da verdade. Jamais avançaremos, com palavras e conceitos, para além da fronteira das relações, para algum fundamento primordial das coisas. (NIETZSCHE, 2011, p.94).

Desse modo, fabricaram-se ideais e conceitos diversos, manipulando um saber em torno de uma verdade estrategicamente criada para ser alcançada, por meio de um conhecimento criado, para fins de obtenção e manutenção de poder.

Desveladas as primeiras ilusões, podemos perceber que o conhecimento está sempre impregnado de intenções de desconhecer e controlar, está sempre submetido a relações de força e relações de poder. E ainda, em conformidade com a nossa história filosófica ocidental, somos todos devotos do conhecimento verdadeiro, homens virtuosos a serviço da verdade (centro).

Na visão Foucaultiana, essa rede de relações de poder, o próprio conceito de relação de poder, toda sua dinâmica constituinte se dá de modo complexo, e não nos aprofundaremos afim de não nos alongarmos. Manteremos nosso ponto crítico acerca das verdades da Verdade.

Desse modo, como virtude, o saber-poder, poder epistemológico, orchestra, magistralmente, todos os outros poderes. Através do saber dos homens, através de instituições de controle e vigilância, joga-se com o saber das ações do outro, com abrupta evolução, transformando esse controle cada vez mais sutil e sofisticado, atingindo um belo mecanismo refinado e tecnológico de obter informações para conduzir qualquer ação, oferecida por todos.

Segundo Foucault:

As produções de verdades não podem ser dissociadas do poder e dos mecanismos de poder, ao mesmo tempo porque esses mecanismos de poder tornam possíveis, induzem essas produções de verdades e essas produções de verdades têm efeitos de poder que nos vinculam, que nos atam.  
(FOUCAULT, 1994c, p.404)

O conhecimento verdadeiro, a Razão, como centro, defendido por Sócrates, ao alcance do Bem/Felicidade assegura o controle dos movimentos até os dias de hoje. Pois,

"A filosofia não é apenas algo racional, mas a própria guarda da ratio. (...)Tão logo pomos em suspeição a caracterização da filosofia como um comportamento racional, torna-se, da mesma maneira, também duvidoso se a filosofia pertence à esfera do irracional. Pois quem quiser determinar a filosofia como irracional, toma como padrão para determinação o racional, e isto de um tal modo que novamente pressupõe como óbvio o que a razão.  
(HEIDEGGER,1996 p. 28)

#### 4-MESTRES ANTIGOS (TEMPOS SEM SÓCRATES)

*"Nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos"<sup>14</sup>*

*"Pois cães ladram contra os que eles não conhecem"<sup>15</sup>*

**Heráclito de Éfeso**

A história da filosofia em uma perspectiva não linear, pluralista, com mesclas de pensamentos racionais, intuitivos, mitológicos, sem verdades, não teria contribuído tanto para o controle de ações, ordenamento do mundo, sistematização social, não embasaria planejamentos de Estados, não modelaria comportamentos morais, não classificaria categoricamente objetos, não organizaria civilizações. Nas palavras de Borheim:

Os pré-socráticos eram poetas-filósofos – pré-lógicos, se seu pensamento for medido pelo rigor formado pelo Organon de Aristóteles. Daí a considerá-los pensadores menores, simples precursores da grande filosofia grega, foi um passo, e um passo dado com toda a facilidade: os pré-socráticos praticamente desapareceram do cenário em que se desdobrou o pensamento ocidental. Hoje, sabe-se que esse esquecimento obedeceu a um processo muito menos inocente do que à primeira vista possa parecer;

<sup>14</sup> Heráclito (cerca de 540 – 470 a.C), (apud Os pré-socráticos, 1978 p. 84 - Alegorias, 24)

<sup>15</sup> Idem, *ibidem*, p.88 – An seni Res Publica gerenda sit, 7p.787 C.



longe de se tratar de mero incidente histórico, o que estava em jogo era a transmutação metafísica do próprio sentido de verdade. (BORHEIM, 1986, p.61).

Imaginemos, por exemplo, uma filosofia da história centralizada em Heráclito, um tempo “Heraclítico”, em vez do termo pré-socrático, sua filosofia como ponto de partida e base moral. Heráclito, em sua honesta filosofia, quando racionalmente não conseguiria mais explicações de descrever “como” e “porquê” se dá o eterno movimento e lutas dos opostos, deu seu lance intuitivo - não há como explicar, é um jogo de Zeus. Segundo Nietzsche, “O que ele inventou é uma raridade mesmo no âmbito das incredibilidades místicas e das metáforas cósmicas inesperadas – o mundo é o jogo de Zeus, ou expresso de modo mais físico, do fogo consigo mesmo” (NIETZSCHE, 2011, p. 65).

Como obter controle de coisas, homens, homens-coisas, coisas-homens, sem menor provisão futura, uma crença em um todo possível e aleatório, uma razão que não pudesse sequer dimensionar e utilizar a capacidade temporal de passado e futuro, apenas presente. Portanto nada dependeria de nada para acontecer, pois o que acontece é fruto da vontade de Zeus jogador. Nessa pluralidade filosófica, teríamos ainda o caos de Anaxágoras: “Tudo provém de tudo, se até mesmo o oposto pode ser gerado do oposto, como, por exemplo, o preto do branco, então tudo é possível – e isso ocorria na dissolução da neve branca em água negra”. (Idem. Ibidem, p. 118), dentre outros exemplos, que por toda honestidade de fazer filosofia em si, não tiveram adeptos e não se constituíram como base moral/verdade social, pois de nada serviriam para o homem como instrumento de dominação. Conforme ilustrado por Nietzsche, na seguinte passagem:

Aristóteles diz com razão que “Tales e Anaxágoras conhecem coisas que podem ser chamadas de notáveis, admiráveis, difíceis e divinas, mas improfícuas. Isso porque não são os bens humanos que procuram”. (NIETZSCHE, 2011, p.45).

Os sistemas posteriores também não contemplaria “o porquê” dos acontecimentos, mas criariam teses ornamentais, rigorosas e descritivas do “como é” os fenômenos por meio dos avanços na linguagem, levantariam “porquês” por estudos de observações de efeitos e presumindo causas, úteis e previsíveis para nossa sociedade. E assim, com uma linguagem lógica estrutural-formal, gerariam provisões de possibilidades futuras, uma espécie de criação de um mundo paralelo-mental pelos homens de conhecimento, ilusões coletivas e um refinamento linguístico lógico de inventar conceitos como verdades, e ainda, com aquele “Para que” moralizado, assegurando-se assim um perfeito controle social.

Por último, e não menos importante, devemos lembrar a infelicidade da perda de grande parte dessas obras pré-socráticas, mesmo que de forma simplória, para que possamos lembrar o quão amplo e complexo esse manuseado campo da história da filosofia se ramifica e se dispersa, tornando-se instigante, carecido de investigação, e conjuntamente, de difícil entrelace dessas ramificações, de modo concreto.

## 5- PENSAMENTOS PERDIDOS

*"O paradigma inconfessado para a interpretação e apreciação dos primeiros pensadores é a filosofia de Platão e Aristóteles. Ambos são considerados como os filósofos gregos que servem de medida, tanto para a filosofia que os precede como para aquela que vem depois. Este modo de ver se cristalizou, através da teologia cristã, em uma convicção geral inquebrantável. Mesmo lá onde a pesquisa histórica e filológica se ocupa de maneira mais detida dos filósofos anteriores a Platão e Aristóteles, são sempre as ideias e conceitos platônicos e aristotélicos modificados e modernizados que fornecem o fio condutor para a interpretação.*

*(...) A gente continua preso às ideias clássicas e classicistas. Fala-se de uma lógica arcaica e não se toma em consideração que uma lógica somente existe na escolástica platônica e aristotélica."<sup>16</sup>*

**Martin Heidegger**

A infelicidade da perda de muitas ideias, desses mestres antigos, soma-se às questões de transmissão e recepção desses escritos. Se o presente trabalho pretende questionar, de uma forma, talvez, Metapolítica, sobre a história da filosofia ocidental e concatená-la com questões de ordem social, todavia, se estendêssemos o estudo, este se desdobraria sobre as questões de transmissão e recepção acerca dos conteúdos das obras filosóficas antigas, principalmente as obras dos pré-socráticos e inexoravelmente esbarraríamos nas questões relativas à doxografia.

Conforme abordado pela Filósofa Bárbara Cassin, a doxografia consistiria nas passagens, conversões, do oral ao escrito, de uma modalidade de transmissão à outra, de uma modalidade de memória a outra. Mais precisamente: "trata-se da passagem do entusiasmo ao traço."

(2017, p.17) Ou seja,

A doxografia é isso através de que chega até nós uma boa parte da filosofia grega, praticamente toda a filosofia pré-socrática e muito, por exemplo, do epicurismo ou do estoicismo. Trata-se, num primeiro sentido, de tudo o que não é transmissão direta,

<sup>16</sup> Filósofo Martin Heidegger, texto "A Sentença de Anaximandro", trad. Ernildo Stein (apud Coleção Os pensadores "Os pré-socráticos". São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 20

mas transmissão de pedaços de obras coligidas ou consagradas que não se pode mais, desde então, dizer que estejam completamente perdidas.  
(Idem, *ibidem*, p. 21)

Não abordaremos a profundidade dos estudos da filósofa que perpassa por várias questões após averiguações complexas do termo, que apresenta ambivalência de sentido do próprio termo “Doxa” e possibilidades interpretativas. Entretanto, apresentaremos alguns de seus pensamentos dado sua grande importância.

Muito da filosofia e toda a filosofia pré-socrática: a doxografia é, portanto, alguma coisa de primeiríssima importância. E, no entanto, é também alguma coisa de radicalmente não fiável. É impossível, impossível por razões ao mesmo tempo de contingência e de estrutura, operar em doxografia a separação entre fato e ficção. Em outras palavras, não sem ela, mas nada com ela – nada querendo dizer: não uma coisa que se sustente.

Com a doxografia mergulhamos em plena modernidade nietzschiana; pois, com a doxografia, somos obrigados a constatar que não há fatos, mas apenas interpretações e interpretações de interpretações. Nietzsche era, aliás, muito precisamente contemporâneo do momento da filologia alemã em que se constituiu o objeto doxográfico, tendo sido, ele próprio, o maior comentador de Diógenes Laércio, o doxógrafo por excelência.

(Idem, *Ibidem* p.22)

Assim, atentando-nos aos escritos do filósofo Nietzsche, doxógrafo por excelência, segundo a filósofa supracitada, não nos aprofundaremos na problemática da perda, além, dos problemas envolvidos nos modos de transmissão e recepção das obras dos filósofos antigos gregos. Pois, como proposta de questionar a história da filosofia, nos é suficiente uma observação de como se manuseou o pouco de registros que temos das obras desses filósofos. Nas palavras de Nietzsche,

É um grande infortúnio que nos reste tão pouco desses mestres filósofos mais antigos, e que qualquer completude nos tenha sido subtraída. Devido a essa carência, medimos imparcialmente, mas com medidas equivocadas, e assim deixamos-nos desfavorecer os mais antigos, apenas pelo fato plenamente casual de a Platão e Aristóteles jamais terem faltado comentadores e copistas. Alguns crêem num destino próprio dos livros, um *fatum libellorum*: seria, porém, um destino sem dúvida perverso se nos privasse de Heráclito, do maravilhoso poema de Empédocles, dos escritos de Demócrito...

(NIETZSCHE, 2011, p.35 e 36)

Demonstrando suspeitar desse destino próprio dos livros, Nietzsche prossegue afirmando que "provavelmente perdeu-se a mais grandiosa porção do pensamento grego e de sua

expressão em palavras" (*Idem. Ibdem p.36.*). Segue, provocando suspeita ao leitor, de um destino nada excepcional e recorda do infortúnio dos Filósofos John Scotus Erigena<sup>17</sup> e Pascal<sup>18</sup>, o primeiro teve suas obras condenadas pela igreja e o segundo, em suas obra póstuma "Pensamentos" teve o conteúdo alterado. E ainda, a título de exemplo do seu próprio século, dito esclarecido, trouxe a lembrança que a primeira edição de "O mundo como vontade e representação" de Schopenhauer, tenha se tornado papel de rascunho. E conclui poética e ironicamente sobre esse destino perverso de perdas "Caso alguém queira atribuir um poder fatalista próprio a tais coisas, deverá dizer com Goethe":

"Do infame ninguém deve fazer queixa; pois, o que quer que digam, o poder é próprio da baixaza"<sup>19</sup>  
 [über's Niederträchtige niemand sich beklage; denn es ist das Mächtige, was man dir auch sage", GOETHE, J. W., West-östlicher Divan, Buch des Unmuts, "Wanderes Gemütsruhe".]  
 (NIETZSCHE, 2011, p.36)

E logo adiante, sentencia:

Neste caso ainda se poderia acrescentar que nenhuma palavra, nenhuma anedota, nenhuma data precisam ser transmitidas a nós além das que já o foram, uma vez que assim obteríamos muito menos para estabelecer o conhecimento geral de que os gregos legitimam a filosofia. – Um tempo que sofre da assim chamada formação universal, mas desprovido de cultura e de qualquer unidade de estilo em sua vida, não saberá realizar nada de direito com a filosofia, mesmo que esta fosse proclamada nas ruas e mercados pela boca do próprio gênio da verdade.  
 (NIETZSCHE, 2011, p.37 e 38)

Ou seja, o pouco que se têm destes já o são tão menosprezado, desvalorizado, que qualquer acréscimo restituído serviria apenas para aumentar a subtração de tudo que a nossa sociedade não cultuou

Afinal, esses filósofos, estão no subsolo do excelente solo escolhido, um platô, para edificar todos os constructos do nosso campo social. Esta perda, de nada altera a via comum, a história da filosofia que aterrou as irregularidades físicas e metafísicas para edificação da organização social. Talvez, essas perdas - alterações conversivas, ideias irregulares de difícil controle - seria de grande proveito aos filósofos extrínsecos à via comum, faixa sinuosa, à margem, composta pelos filósofos livres (de alcançar a verdade, sumo bem). Estes, por vezes, abalam as

<sup>17</sup> John Scotus Erigena (810 -877): teólogo, filósofo e tradutor escocês. Suas duas obras principais, que tentavam conciliar as doutrinas platônica e cristã, foram condenadas.

<sup>18</sup> Blaise Pascal (1623 – 1662) – A sua obra póstuma Pensamentos passou ao longo por diversas alterações devido à influência de autoridades religiosas.

<sup>19</sup>

estruturas do edifício social, fazem ranhuras, rachaduras, escavam por baixo e expõem as irregularidades do solo, infiltram-se nessas irregularidades a fim de abalos. Por outras, expõem tanto e apenas a instabilidade do edifício que parecem precisar deste para sobrescrever-se em notificações.

Em outras palavras, esses mestres antigos são para os filósofos posteriores, da via comum, fonte eterna que jorra múltiplas ideias, que foram desenvolvidas e compõe o solo onde a sociedade foi erguida. Ao lado desta tradição de base, via larga, universal, organizada retilínea, têm os filósofos que se desviam deste centro socrático, que ora atravessam a via comum, ora não consegue se infiltrar e permanece à margem.

No entanto, podemos observar que os filósofos modernos que trafegam nesta via comum, compartilham da ilusão, inventam mais verdades em um sistema altamente refinado, auxiliam no controle e domínio do centro – verdade/conhecimento. E ainda, ao fazerem seus constructos, não recorrem a linha progressiva histórica comumente transmitida, e sim, recorrem as fontes, aos pré-socráticos. Podemos observar que todos eles mergulham naquela fonte de ideias, anterior à organização oficial Sócrates-Platão-Aristóteles (oficial ponto de partida), pois aquelas ideias de forma - bruta, honesta, pura - são perfeitas para tomarem formas por meio de um engendrado sistema; Pois, recorrer a um sistema já criado para tornar-lhe outro, funciona apenas até o momento de planejamento de ação: refutar, concatenar, contrapor, e assim decidir o seu próprio. Um sistema como base para outro se tornaria enfadonho, se distanciaria demais da realidade, por assim dizer.

O desfecho é perfeito, transmite-se comumente a história da filosofia pela via comum, solo preparado, organizado, representação oficial. Mas, na hora de criarem os seus sistemas, recorrem às pedras preciosas, e assim, os receptores admiram-se da jóia - tendo a mais bela visão de um milagre artístico porque não conhecem sequer a pedra preciosa, matéria bruta (ideias genuínas) - tornando-se assim venerados pelo divino conhecimento, a joia apresentada.

É possível escutar em novos arranjos, o refrão das simples melodias das ideias entoadas pelos mestres antigos, ressoando um mesmo campo harmônico. Para exemplificar podemos transcrever um trecho sobre a história da filosofia de Heráclito, por Edmund Russel e sua percepção de já ter ouvido esse "refrão":

Havia, no entanto, outra doutrina que ele valorizou mais do que a doutrina do fluxo perpétuo: a da mistura de opostos. “Os homens desconhecem”, diz, “quanto aquilo que discorda está de acordo consigo mesmo. Trata-se da harmonização de tensões opostas, como aquela do arco e da lira”. Sua crença no conflito está associada à sua teoria, dado que no conflito os opostos se unem para produzir um movimento que é harmonia. Há unidade no mundo, mas uma unidade que resulta da diversidade: pares são as coisas inteiras e não inteiras, o que é unido e separado, harmônico e discorde. O uno é feito de todas as coisas e todas as coisas advêm do uno.

(...) Não obstante, não haveria unidade caso não houvesse opostos que se combinassem: "O oposto é o que é bom para nós". (RUSSELL, 2015, p.71)

E em seguida, Russel afirma:

Essa doutrina contém a semente da filosofia de Hegel, a qual procede pela síntese de contrários. (RUSSELL, 2015, p.71)

A questão que chega, logo após perceber a riqueza dessas ideias e dessas atitudes filosóficas realizadas pelos mestres antigos, é: Por que esses pensadores são compactados, designados, e sobrepujados como "pré-socráticos"? Por que reduzir os múltiplos mestres em nome de uno? Sabemos que entres os Pré-socráticos e Sócrates não há diferença em relação à perda dos pensamentos ao traço, haja vista que Sócrates não nos deixou nenhum escrito. Em relação ao conteúdo, aqueles deixaram ideias e tentativas de descobrir um centro, uma verdade. Este deixou como herança o amor pela verdade/centro que viesse.

É esse amor pelo centro, o conhecimento desse amor (como essência) dentro de cada homem por um centro, que foi essencial para essa estrutura social ocidental. Não era apenas um amor pelo conhecimento, mas era antes, um conhecimento desse amor - pelo conhecimento; Ou seja, foi engendrado um conhecimento, pelo bom uso da Razão (logos), que esse amor estava dentro de nós como essência, natural, instinto. Aprendemos pelo conhecimento a reconhecer como instintual o amor pelo conhecimento. Conhece-te a ti mesmo. O ser pelo conhecer. Em beleza aforismática, disse Pascal: "É preciso conhecer-se a si mesmo; se isso não servisse para encontrar a verdade, serviria ao menos para regular a vida, e não há nada mais jus, to." (PASCAL, 1979 § 66).

Pela Razão ama-se a Razão, pelo sentido ama-se o sentido.

– Legado de Sócrates, Platão, Aristóteles

## 7- UMA BREVE ABORDAGEM SOBRE ESTRUTURALISMO

*Aristóteles demonstra o indemonstrável princípio da não-contradição por meio de uma série de equivalências, tomadas como evidências: falar é dizer algo, dizer algo é significar algo, significar algo é significar algo que tem um sentido e um único sentido, o mesmo para si mesmo e para outrem. É isso a "decisão do sentido". Querer dizer algo, legein ti, sêmeinein ti, sêmeinein hen, tal é, portanto, a decisão que Aristóteles exige de todo homem, se ele quer ser um homem, ou seja, um animal dotado de logos. O princípio de não-contradição está fundado na univocidade do sentido. O Não é o inconsciente, é o próprio mundo que estruturado como uma*

*linguagem, ou ainda: o ente é feito como um sentido. A proibição da homonímia é para a linguagem o que a interdição do incesto é para a sociedade. Bárbara Cassin<sup>20</sup>*

Como o trabalho sugere reconhecer uma estrutura preposicional do movimento, concretamente com essa perspectiva questionadora sobre a história da filosofia, ainda que, essa "Estrutura preposicional" seja bem rudimentar, nascida espontaneamente de uma dinâmica suspeita e não tenha menor pretensão de configurar-se como pertencente ao complexo conceito de Estruturalismo; Em síntese, para melhor clareza do nosso trabalho, apresentarei uma definição de estrutura, baseada em uma exposição Deleuzeana<sup>21</sup>, que afirma abranger nesta concepção, a repetição nos diferentes Estruturalismos, entre os diversos pensadores estruturalistas.

O Estuturalismo é uma ordem do subsolo simbólico, onde se dá a relação entre o Real e o imaginário. O Real é o efeito, o acontecimento, o um que ao desdobrarmos vislumbramos o aspecto dual da ordem do imaginário, dois que antecede o um. Os elementos simbólicos desse subsolo estão localizados em determinadas posições, virtualizando as relações, combinando-se de modo recíproco, gerando efeitos-sentidos. Nas relações simbólicas da estrutura os elementos por si são indeterminados, sem significação, mas na relação entre dois elementos determinando-se um ao outro.

Sendo assim, toda estrutura possui um sistema de relações diferenciais, traçando o espaço múltiplo da estrutura, e essas relações diferenciais atualizam-se nas relações reais entre os seres. Este movimento também sucede inverso: parte das singularidades para determinar as relações diferenciais entre elementos simbólicos últimos. A Estrutura comporta esse duplo aspecto no seu funcionamento. Um complexo de categoria (designações que parte do virtual simbólico) e atitude (atitude que partem das singularidades). A estrutura funciona em condição serial, multisserial, recombinação da combinação das relações. Contudo, há um objeto sem lugar (casa vazia/ grau zero, fonema zero) que move as outras estruturas, fazendo-a variar as relações diferenciais com os seus deslocamentos flutuantes. É um elemento eminentemente simbólico, estrangeiro, sem local fixo na série da estrutura, sempre se desloca, relativizando o lugar absoluto de cada um, definindo a estrutura como ordem dos lugares sob a variação das relações.

## **8-ESTRUTURA PREPOSICIONAL SIMBÓLICA DESSE MOVIMENTO**

*"Aparição da coisa, enquanto cobre (mede) um âmbito para o encontro, se realiza no seio de uma abertura cuja natureza*

<sup>20</sup> CASSIN, Bárbara. Jacques, o sofista. Lacan, logos e psicanálise. Autêntica Editora, 2017 p. 112

<sup>21</sup> Explicação sucinta embasada no texto "Como reconhecer o estruturalismo?" de Gilles Deleuze.

*de ser aberto não foi criado pela apresentação, mas é investido e assumido por ela como campo de relação. A relação da enunciação apresentativa com a coisa é a realização desta referência; esta se realiza, originariamente e cada vez, como um desencadear de um comportamento. Todo o comportamento, porém, se caracteriza pelo fato de, estabelecido no seio do aberto, se manter referido àquilo que é manifesto enquanto tal. Somente isto que, assim, no sentido estrito da palavra, está manifesto foi experimentado precocemente pelo pensamento ocidental como 'aquilo que está presente' e já, desde há muito tempo, é chamado de 'ente'"*

**Martin Heidegger**<sup>22</sup>

Neste capítulo, abordaremos a nossa proposta de pensar uma Estrutura preposicional – As preposições apenas ligam, são nada por si, mas tudo para relação. Essa estrutura parte da seguinte ideia: qualquer sujeito, qualquer objeto, como realidade, está sempre em relação, com outrem, ou ele próprio. E toda relação pressupõe movimento entre seus elementos, seja relacionando estados anteriores ou posteriores, seja aproximação, afastamento, comparação, localização, união, separação. Nessa perspectiva toda relação seria abordada como movimento. Pois, nesse mundo de pares, seja a comparação dialética, seja da própria condição primeira sujeito-objeto - bastando o próprio corpo como extensão, seja em qualquer relação entre dois termos, há de ter elementos que possa ligá-los, a fim de obter essa relação.

O sujeito/objeto - Desde sempre DePara, a partir da racionalização – ComPara, este "Com" representa o centro limitador/significador que está sempre intencionando a realização do movimento "Para". Essa estrutura se modifica e é modificadora ao longo dos seus próprios movimentos, seja através dos próprios movimentos de ComPara(r) orientada pelo centro, seja através dos movimentos de DePara(r) livremente com outrem. Ao levarmos nosso olhar a esses deslocamentos, e aos deslocamentos pelos deslocamentos, talvez possamos ampliar a compreensibilidade do centro-presente ou centro-ausente (conforme elucidado no capítulo sobre Estruturalismo), além do apresentado, além de escopo e sombras, além de "como ele se deixa ver".

Como breve apresentação dessas preposições filosóficas, em seu ponto de partida, como uma estrutura que capte movimentos, ligações, propomos outra perspectiva para estrutura clássica derivada das investigações sobre o Ser - “S é P” para “De-Com-Para”, onde **De**= S, **Com**=é, **Para**= SP. Com a movimentação de “S” para “SP”. Conforme exemplos a seguir: A caneta é azul - De= Caneta, Com= Azul, Para= Caneta azul; Pedro é alto - De= Pedro, Com= altura, Para =Pedro alto / Pedro está no pátio – De=Pedro, Com= pátio, Para: Pedro no pátio/

---

<sup>22</sup> HEIDEGGER, Martin. Conferências e escritos filosóficos – Sobre a essência da Verdade. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1996 p. 158 (Col. Os Pensadores)



Caneta é um instrumento de escrita – De= caneta, Com= Instrumento de escrita, Para= Caneta instrumento de escrita.

Nesta outra perspectiva em vez de um “X é” que predica, proporia um “X Com” que apenas liga duas coisas e delimita apenas temporariamente, pela combinação. Onde o “é” - fixa, apreende, delimita, o Com – referencial que liga, soma, movimenta (DePara). A estrutura proposta não delimita nada, apenas liga as coisas com uma descrição do ponto inicial e final.

O que se propõe não é De(finir) nada, com essa nossa estrutura não diremos que é substância "tudo o que podemos dizer que é", diremos que é substância tudo que DePara.

Essa estrutura preposicional – formada por preposições - proposta no texto é rudimentar, simples em sua abrangência espacial, ou seja, designada somente como auxiliar aos nossos questionamentos, não intenta nem mesmo uma ínfima semelhança aos complexos elementos que compõem o aparelho das estruturas subterrâneas, propostas pelo Estruturalismo.

Nossa proposta é abordar Movimentos por uma relação simbólica preposicional na tentativa de vislumbrar alguma coisa. É como se o próprio movimento observado, em seu percurso, movimentos consequentes aos antecedentes, nos desse alguma pista além do que já está exposto como centro.

Destarte, postulemos a seguinte ideia: “Todos os seres humanos naturalmente desejam o conhecimento” (Aristóteles, 2012), uma verdade a ser alcançada (objetivo/fim), assim como uma manipulação do conhecimento para alcançar esta verdade (caminho/meio), gera um movimento completo “De-com-para”, onde, neste caso, DE= sujeito conhecedor, COM= conhecimentos de conceitos convencionalmente criados, PARA= alcance da verdade/Bem maior, portanto o controle total sobre o movimento esperado do homem social.

“Os grandes crimes, frequentemente, partem de grandes ideias. Poucas grandes ideias se mostram completamente inocentes quando seus inspirados seguidores tentam transformar a palavra em realidade – mais algumas quase nunca podem ser abraçadas sem que os dentes se descubram e os punhais se agucem. Entre esses tipos de ideias, ocupa a posição privilegiada a da visão da pureza”. (BAUMAN, 1998 P. 13)

Com efeito, o homem teoriza, comunica, justifica, envaidece, empobrece, científica, humaniza e simultaneamente destrói e impossibilita o objeto – o todo externo do homem - de ser.

De Sócrates em diante, todos os filósofos (Com)(para) para (De)(finir) o objeto; Adiante, com Aristóteles, (De)(Com)(Por), e depois (Com)(por). Onde a nossa equação preserve-se, De= sujeito conhecedor, Com= conhecimentos (inventado) por/para/fim (bem/felicidade). Ou seja, Sujeito conhecedor com conhecimentos= felicidade, essa união é o estado pleno de alcance do sumo bem.

Nessa fórmula, organiza-se uma sociedade, mantém-se um Estado e controla-se o povo. *Acomoda-se ainda nesta estrutura social perfeita: a ciência pelo conhecimento útil e a Religião pela moralidade, para o bem.*

Na modernidade pode-se ainda deslumbrar uma “2ª edição do idealismo”, sistemas em contínua “busca pela verdade”, em uma circularidade progressiva infinita por movimentos finitos (DE-COM-PARA-DE). "Ora, a Filosofia, nos tempos modernos, convocou, por própria iniciativa e expressamente, o pensamento para 'a questão mesma'. O chamado 'à questão mesma' vale em última instância, e isto que dizer: segundo a questão, em primeiro lugar, a 'ciência da lógica'". (HEIDEGGER, 1996)

Em sistemas posteriores, é possível também visualizarmos a nossa suposta equação proposicional simbólica, contudo, esta parece tornar-se circular na atmosfera da modernidade, "esta questão é contudo determinada historicamente: a subjetividade" (1996); Onde: PARA (sentido de alcance de bem / verdade) retorna ao DE (origem do movimento/ homem do conhecimento), em que as múltiplas etapas do movimento se encontram, estão concatenados início e fim, entre si, por um movimento uno. Múltiplos em Uno.

Com o ergo cogito de Descartes, diz Hegel, a Filosofia pisou pela primeira vez terra firme, onde pode estar em casa. Se com o ergo cogito, como subjectum por excelência, é atingido o fundamentum absolutum, isto que dizer: o sujeito é o hypokeímenon transferido para a consciência, é o que verdadeiramente se apresenta, o que na linguagem tradicional se chama, de maneira mui pouco clara, de substância. (Idem, *ibidem*, p. 100)

É incontestável que o homem foi tornando-se cômico de que a natureza do conhecimento - formulado por ele próprio e vivido em sociedade - era acumulativa. Portanto, o alcance de um conhecimento verdadeiro para o bem, iniciava um vislumbre de potenciais caminhos para mais conhecimentos, ou seja, um novo movimento, contínuo – pois a origem DE acumula o que alcança PARA, transformando o DE. Este movimento seria infinito por um devir próprio do que não é perfeito e possui sempre capacidade de acréscimo. Conforme elucubrado por Descartes, na sua bela terceira meditação:

Com efeito, já percebo que meu conhecimento aumenta e se aperfeiçoa pouco a pouco e nada vejo que o possa impedir de aumentar cada vez mais até o infinito. (...) Demais, ainda que meu conhecimento aumentasse progressivamente, nem por isso deixo de conceber que ele não poderia ser atualmente infinito, porquanto jamais chegará a tão alto grau de perfeição que não seja ainda capaz de adquirir algum maior acréscimo. (DESCARTES, 1979, p.109, § 28)

Segundo Heidegger, "as ciências interpretarão tudo o que em sua estrutura ainda lembra a sua origem na Filosofia, segundo as regras de ciência, isto é, sob o ponto de vista da técnica". (1996)

Em ambos os movimentos, "a questão da Filosofia como metafísica é o ser do ente, sua presença, na forma da substancialidade e subjetividade" (1996), quando observados pela estrutura simbólica que propomos, seguem aquele caminho clarificado ideal ofertado pela luz da razão, o "por que" da luminosidade não se impõe como presença, pois o que importa é a presença que ela dá. Pelos pensamentos traçados de Heidegger:

Todo o pensamento da filosofia, que, expressamente ou não segue o chamado "as coisas mesmas", já está, em sua marcha, com seu método entregue à livre dimensão da clareira. Da clareira, todavia, a Filosofia nada sabe. Não há dúvida que a filosofia fala da luz da razão, mas só atenta para a clareira do ser. O *lumen naturale*, a luz da razão, só ilumina o aberto. Ela se refere certamente à clareira; de modo algum, no entanto, a constitui, tanto que dela antes necessita para poder iluminar aquilo que na clareira se apresenta. Isto não vale apenas para o método da Filosofia, mas também e até em primeiro lugar para a questão que lhe é própria, a saber, da presença do que se apresenta.  
(1996, p. 104)

No desenvolver filosófico de Heidegger, nos aforismos ritmados que nos desperta pulção de Nietzsche, com os pensamentos que se pensa de Hegel, com o nosso olhar sub-reptício de cigana oblíqua dissimulada as diferentes perspectivas da história, com a coragem dos que penetram na noite e que aqui falaram, podemos observar que a nossa estrutura proposta neste capítulo harmoniza-se com as nossas questões suscitadas pelo nosso olhar à história da filosofia com uma perspectiva Metapolítica.

Contudo, se, de um lado, expomos uma estrutura que nos auxiliou a observar movimentos delineados pela metafísica clássica e, de certo modo, reproduzidos pela modernidade; por outro, devemos expor que as Estruturas não estão livres do solo metafísico. Como já esclarecemos o que é o Estruturalismo, no capítulo anterior, vejamos a análise crítica de Derrida em seu texto<sup>23</sup> sobre este "acontecimento", já nas primeiras linhas, nos anuncia o retorno do fim, ao lermos: o Estruturalismo representa uma *ruptura* e um *redobramento* da estrutura da metafísica clássica, solo comum epistêmico da Ciência e filosofia ocidentais.

Derrida esclarece que até o "acontecimento" supracitado, a estruturalidade da estrutura sempre se viu reduzida, por uma origem fixa, um centro, um ponto de presença orientador e limitador do jogo da estrutura, ou seja, um centro demarcador que limitaria as possibilidades de combinações simbólicas que se efetivam como significações no real. Entretanto, o filósofo contestador do próprio contestar, crítico da crítica, admite ser impensável uma estrutura sem centro organizador, como também, pensa o impensável. Nas palavras de Derrida: "O centro encerra o

---

<sup>23</sup> Texto intitulado A Estrutura, o Signo e o Jogo no Discurso das ciências humanas, publicado na obra que traz uma coletânea de ensaio, textos e artigos – a escritura e a diferença [L'Écriture et la différence].

jogo que abre e torna possível". "Sendo o que comanda a estrutura, por definição escapa a estruturalidade". (2009 p.408) Portanto, no pensamento clássico da estrutura o centro está dentro e fora da estrutura. Dentro por comandá-la, mas fora por não ser comandado.

O centro fixo, ao longo da história, obteve variados nomes: Arque, Têlos, Deus, Verdade, Conhecimento, Sujeito, dentre outros; Havendo assim, em diferentes épocas, pretensas alterações do centro vigente, reduções do jogo da estrutura pela presença escolhida. Sendo assim, todo conceito de estrutura, até "o acontecimento", segundo Derrida, "é uma série de substituições de centro para centro, como uma forma matricial de determinação do ser como presença, em todos os sentidos dessa palavra". (Idem, *Ibidem*, p.409)

O acontecimento do estruturalismo como *Ruptura*, em intenção, deve-se talvez, nascido do pensar sobre essas séries de substituições de centro presente, seus comandos no jogo, centro delimitador que compõe o jogo, regulamenta as jogadas, mas não é regulamentado por nada. Portanto, ao estudar esse encadeamento, deve-se ter chegado ao pensamento de que não havia um centro, que um centro não tinha lugar natural, apenas a funcionalidade de relacionar os lugares alheios. Esse descentramento adveio da época de críticas à metafísica e dos forjados conceitos de verdade; incitando assim, a possibilidade de substituir as jogadas que eram permitidas, por jogadas livres de um centro presente, regulamentador.

Em contrapartida, neste pretense jogo livre, Derrida exemplifica vários impasses. Pois, como parte elementar do estruturalismo é justamente o conceito signo por desestruturar a metafísica da presença, ao mesmo tempo, o próprio conceito de signo impossibilita o Jogo-livre, sem limite. Haja vista, que o próprio termo signo permanece carregando consigo, sub-repticiamente, um eterno "limitar-se-á" significativamente por um significado, como signo-de, sempre necessitando de relação definidora. Entrementes, se apagarmos essa diferença entre significante e significado por uma necessidade de conjugá-los é o próprio signo que abandonaríamos como conceito metafísico. E foi justamente, da pretensa infinidade de combinação dos signos que se pensou desestruturar o estruturante clássico.

O estruturalismo, como *ruptura* de um centro, tornado como movente, do interior da estrutura, um valor simbólico 0 – a casa vazia- para o deslocamento entre os elementos e suas infinitas combinações de uma estrutura finita, foi o ápice do *redobramento* da estrutura metafísica, e não sua superação. Pois, a casa vazia, nada mais era, que um descentramento quimérico, ou uma ausência presente, por um centro que flutua dinamicamente para efetivação de significação, proporcionando o movimento com suplemento para relação combinatória, designando

sentido. Desse modo, podemos dizer que foi a concretização da estrutura clássica pela demonstração da necessidade de um regulador nos jogos de deslocamentos e relação entre os elementos, seja ele dinâmico (flutuante como suplementação) ou fixo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*"Um pensamento que pensa na verdade do ser não se contenta certamente mais com a metafísica; um tal pensamento também não pensa contra a metafísica. Para voltamos à imagem anterior, ele não arranca a raiz da filosofia. Ele cava o chão e lhe lavra o solo. A metafísica permanece como primeira instância da filosofia. Não alcança, porém, a primeira instância do pensamento. No pensamento da verdade do ser a metafísica está superada. Torna-se caduca a pretensão da metafísica de controlar a referência decisiva com o ser e de determinar adequadamente toda a relação com o ente enquanto tal. Esta 'superação da metafísica', contudo não rejeita a metafísica. Enquanto o homem permanecer animal rationale é ele animal metaphysicum."*

**Martin Heidegger**<sup>24</sup>

"Na experiência negativa o sentido de real se perde ou torna-se vacilante, razão pela qual o homem não pode mais habitar simplesmente este real com a ingenuidade do primeiro dia. Tudo deve ser reconquistado, e esta exigência de reconquista vai determinar o novo sentido, próprio do filósofo, de relacionar-se ao real: o sentido crítico, problematizador, que distingue a pergunta filosófica."

**Gerd A. Bornheim**<sup>25</sup>

As nossas decisões de respostas às suspeitas que foram surgindo, ao longo deste percurso, permanecem tímidas, mas se o trabalho conseguiu invocar alguns questionamentos e reflexões em relação a tudo que pode – a história da filosofia, a filosofia, a história, e seus fatores - cumprimos nosso objetivo.

Talvez, após formular essas reflexões, seja possível, olhares com piscadelas de cínico que acha graça do caos disfarçado que às vezes penetra, como sombra, no mundo ordenado, e ainda, em sinergia, admirar o poder alucinógeno da razão em dissimular manter uma ordem.

É provável, que ao nos depararmos com trechos de "A política", de Aristóteles, como por exemplo, "A alma dirige o corpo, como o senhor ao escravo. O entendimento governa o instinto, como um juiz aos cidadãos e um monarca aos seus súditos." (2017 p.17 – livro I),

---

<sup>24</sup> HEIDEGGER, Martin. Conferências e escritos filosóficos – O retorno ao fundamento da Metafísica. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1996 p. 78 (Col. Os Pensadores)

<sup>25</sup> BORNHEIM, Gerd A. O pensamento filosófico em bases existenciais. Porto Alegre: Editora Globo, 1970 p.93

retorne sempre as nossas questões, de modo que talvez um dia possamos traçar algum alento vindouro, um caminho, ao menos, uns brados que ressoem em cada nosso mal estar civilizado.

Uma direção para o nosso futuro historial. Encontramos um caminho. A questão mesma é um caminho. Ele conduz da existência própria do mundo grego até nós, quando não para além de nós mesmos. (...) A questão da essência se interroga, se obscurece e confunde, quando ao mesmo tempo a relação do homem para com o que é questionado se mostra vacilante e abalada.  
(HEIDEGGER, 1996 p.31)

Nas belas palavras de Bornheim,

No ato de perguntar condensa-se o espírito crítico do filósofo. E se indagarmos donde nasce este espírito crítico, devemos responder que nasce da experiência negativa, porque através dela o sentido real me escapa. Se isto é verdade, não se pode, porém, reduzir a compreensão do espírito crítico àquela experiência negativa. Se tal fosse possível, o espírito crítico seria simplesmente a negação da realidade, e tudo o que se propõe a filosofia deixaria de existir, ela seria roubada de seu objeto. Devemos então dizer que o espírito crítico encontra a sua razão de ser não apenas na negação, mas na negação da negação, quer dizer, na necessidade de re-afirmação do real. E de um real ao qual o filósofo deve permanecer aberto nutrido do sentido e do mistério.  
(BORNHEIM, 1970 p. 93)

Essa necessidade de re-afirmação do real, conforme indicada por Bornheim, vai ganhando corpo coletivo, desde o emergir da própria modernidade até os dias de hoje, uma necessidade de libertação do múltiplo, diferença da diferença que reduz, do que escapa às categorias, do que escapole à simetria, do desmedido, do acontecimento que é antes de ser; Na contramão da via há muito aplanada, erguida sobre os subsolos do mistério, dentre os que fazem um reaproveitamento, com novas "socioteknias" e manutenção do solo.

Segundo Foucault,

Recentemente, quando as pesquisas da psicanálise, da linguística, da etnologia, descentraram o sujeito em relação às leis de seu desejo, às formas de sua linguagem, às regras de sua ação, ou aos jogos de seus discursos míticos ou fabulosos, quando ficou claro que o próprio homem, interrogado sobre o que era, não podia explicar sua sexualidade e seu inconsciente, as formas sistemáticas de sua língua ou a regularidade de suas ficções, novamente o tema de uma continuidade da história foi reativado: uma história que não seria escansão, mas devir; que não seria jogo de relações, mas dinamismo interno; que não seria sistema, mas árduo trabalho da liberdade; que não seria forma, mas esforço incessante de uma consciência em se recompor e em tentar readquirir o domínio de si própria, até as profundezas de suas condições; uma história que seria, ao mesmo tempo, longa paciência ininterrupta e vivacidade de um movimento que acabasse por romper todos os limites.  
(FOUCAULT, 2008 p.15)

Em fluxo contínuo, alguns pensantes dos últimos séculos prosseguem no processo de desconstrução, por meio de representações próprias, e intenções de diferentes constructos. Não afim de demolição, e sim, deslocando cada bloco, cada peça investida, desmontando até poder perscrutar o subsolo, "esquecidamente" oculto, ampliando o conhecer, seguindo o plano, mas

retomando-o como atitude filosófica, o conhecer por um bem viver, elevando o pensamento para, talvez, empreender novas construções.

Com o que desenvolvemos até aqui, se faz necessário dizer, que não há nenhuma sentença e acusação à tríade clássica (Sócrates /Platão/ Aristóteles), pelas heranças deixadas da razão virtuosa, seja por necessidade ou ocasião. É possível que o primeiro amor pela verdade como Sumo bem possa ter "sido", para depois, servir à tanta razão de ser. Conforme Cesar Candiotta, em seus estudos Foucaultianos, que nos traz um olhar de Foucault sobre Sócrates:

Sócrates fala com sinceridade e franqueza (*parrhesía*) porque o que diz está de acordo com o que pensa, e o que faz harmoniza-se com o que vive. Quando discursa, exterioriza a verdade; sua enunciação é prova de coragem de verdade. E, fundamentalmente, confronta a opinião de seus ouvintes de modo crítico, pondo em risco a própria vida. (FOUCAULT, *Apud* CANDIOTTO, 2013 p.145)

Pretendemos, ao olhar a história da filosofia em uma perspectiva metapolítica, pensarmos os movimentos, os encadeamentos, os princípios, os centros das estruturas, os acontecimentos, as práxis, as adequações, as conformações, os solos teóricos; não intentamos juízos de valores aos pensadores e seus sistemas, e sim, o manuseio de suas ideias; Segundo o cientista político Lipson:

Na realidade, os pronunciamentos clássicos de pensadores como Platão e Aristóteles são inteiramente expressos em termos de um Estado onipotente. Esses dois homens, aqui e ali no corpo de seus principais escritos, abordam praticamente cada um dos grandes problemas que ocupam a vanguarda da teoria e da prática da política no mundo moderno. (LIPSON, 1976 p. 195)

Ademais, de nada sabemos sobre os perigos e mistérios do subsolo, de sua instabilidade, irregularidades que muitos trabalharam culturalmente, desde os mitos, para tornar estável e erger cidades, ainda que, com monumentos e (des)espero. Sobre os mitos, J. Tricot, na sua tradução da *Metafísica*<sup>26</sup> cita o seguinte raciocínio de Ross: "O mito está cheio de fatos que excitam a admiração; quem admira pensa que é ignorante; quem se crê ignorante deseja a ciência; portanto o amante dos mitos é um amante da ciência".

Sendo assim, todo campo cultural encontra-se vinculado a uma estrutura de defesa, na passagem de nomadismo para habitat fixos, da caça ao cultivo da terra, as plantações e a permanência como espera para colheita e, portanto, com a ereção do Estado. "A palavra grega

---

<sup>26</sup> Ed.J. Vrin, Paris, 1953, pag.17

polis, ancestral do termo 'política', significa local fortificado onde os habitantes da vila poderiam reunir-se as mulheres e crianças estariam seguras, e vantagem em defender-se no âmbito militar." <sup>27</sup>

O homem como animal político, além de animal racional, como bem disse Aristóteles, criador de leis, instituições, diretrizes de conduta, costumes, constrói, assim, um aparato civilizatório com controle de ações para garantia da ordem, segurança e economia.

Sabemos que toda cidade é uma espécie de associação, e que toda associação se forma tendo por alvo algum bem; porque o homem só trabalha pelo que ele tem conta de um bem. Todas as sociedades, pois, se propõem qualquer lucro – sobretudo a mais importante delas, pois que visa a um bem maior, envolvendo todas as demais: a cidade política.

(ARISTÓTELES, 2017 p.1)

O controle dessas ações se erguerá em forma de leis que assegurem o interesse coletivo, bem comum, acima de interesses particulares, emprego de força e técnicas de coerção para assegurar o cumprimento da justiça.

Em matéria de política, os homens vivem sempre a argumentar pró ou contra alguma coisa, a debater os méritos e os deméritos de orientações que se contrastam, a discutir acerca da sabedoria dos fins últimos e a pesar a eficácia dos possíveis meios. Em resumo: empenham-se numa luta a respeito de valores. O processo político – não só o discutido nos tratados filosóficos, mas aquele que efetivamente se desdobra na vida de cada dia – está impregnado de invocações desse ou daquele ideal. Os homens dedicam seus Governos à vida, à liberdade, à busca da felicidade, à igualdade, à justiça, à paz, à boa ordem e a outros nobres propósitos semelhantes. Mas de que modo serão eles definidos? Como a própria democracia há de ser interpretada para que saibamos quando a possuímos?

(LIPSON, 1976 p.40 e 41)

E ainda sobre ideal e os nobres propósitos supracitados,

A teorização a respeito de valores, embora atividade especulativa, não é independente da realidade. As idealizações da Filosofia costumam tornar-se moeda corrente. Mas as ideias se originam da experiência; e quando envolvem para formar um todo coerente, o que há de ser a filosofia, servem de guias a orientar ulteriores experiências. Rousseau, por exemplo, repugnado ante o espetáculo da sociedade francesa e dos Governos de meados do século XVIII, escreveu uma doutrina de protesto para a qual apelaram os arquitetos da Revolução Francesa a fim de construir grande parte de sua obra e sua própria justificação.

(LIPSON, 1976 p. 41)

O cientista político prossegue em seu desenvolvimento demonstrando que a formulação de ideais é fato central na prática e integrada às escolhas do processo político, levantando ainda, o fato das generalidades simbólicas terem seu papel na política pela identificação entre os interesses particulares, conjuntamente com a luta e escolha de certos valores no campo ético, essa

---

<sup>27</sup> Introdução de Ernest Barker a *The Politics of Aristotle* (Nova York: Oxford University Press, 1946 p. 65 e citado por LIPSON, 1976 p.87



adoção e efetivação no campo prático, o ideal de alcançar valores tais como liberdade, igualdade, segurança, constituem o âmago da política. Dessas generalizações de comportamento e valores éticos estimados constituem as leis da política. "A política é a busca de uma sociedade que visa à ética pública. O estudo da política é a pesquisa dos resultados atingidos, julgados à luz de critérios morais." (LIPSON, 1976 p. 45)

Nas palavras de Heidegger,

A frase: a filosofia é grega em sua essência, não diz outra coisa que: o Ocidente e a Europa, e somente eles, são, na marcha mais íntima de sua história, originariamente "filosóficos". Isto é atestado pelo surto e domínio das ciências. Pelo fato de elas brotarem da marcha mais íntima da história ocidental-europeia, o que vale dizer do processo da filosofia, são elas capazes de marcar hoje, com seu cunho específico, a história da humanidade pelo orbe terrestre.  
(HEIDEGGER, 1996 p.29)

Entrementes, a essência da política só poderá ser compreendida quando vista à luz da moral, que chegamos pelo uso racional, via conhecimento virtuoso.

Sócrates diferentemente dos pré-socráticos não desejava um centro (fixo) como um sentido a fim de dominar e conhecer as coisas do mundo para assegurar um bem viver. Sócrates deslocou, inverteu o objetivo de possuir um centro. Em vez de: um alcance da verdade/conhecimento para assegurar um bem viver, temos: assegurar um bem viver para o alcance da verdade. O centro – Verdade/Razão/Conhecimento, adveio de um deslocamento, De – meio para - fim. Com Sócrates nos tornamos devotos de um centro fixo, adoradores da verdade. Deslocou o impulso instintivo de sobrevivência, a supremacia da vida pela verdade. Fundou a virtuosidade no conhecer, conhecimento como virtude, assegurando um como viver ("com" razão) ("para" alcance do Bem). Garantido em um mesmo princípio a conduta prática e teórica do homem. Bases das instituições científicas (verdade/conhecimento) e religiosa (sumo Bem/ Felicidade).

Aristóteles, na obra intitulada "Ética a Nicômaco", busca se aproximar da verdade, o quão possível seja acerca dos assuntos dessa natureza, leva a cabo a investigação de esclarecer o que seja a felicidade, e ao se tratar de um assunto de ampla e diversa opinião, lança mão do argumento da função (ergon), haja vista que para tudo que se tem uma atividade ou função, considera-se que o bem e a perfeição residem na função. Desse modo, ao questionarmos o que é um bom homem poderíamos remeter a responder - seria um homem que realizou sua função.

Contudo, deveríamos saber qual a função do homem, ou seja, o que em particular, em específico, deveria ser próprio da realização pelo homem?

Em busca do que é distinto ao homem, e com intuito de excluir as características compartilhadas com outros seres, se depara com o fato de possuir logos, ou seja, o homem é um ser vivo, é um animal, entretanto, tem a especificidade de ser um animal racional. Esta especificidade o distingue das outras espécies. Ele é capaz de conhecer e de intentar à verdade em relação a certos objetos, assim como é capaz de subordinar sua faculdade apetitiva a uma determinada regra. Aristóteles então declara: “A função do homem é uma atividade da alma que implica um princípio racional” e conclui em seguida “o bem do homem vem a ser a atividade da alma em consonância com a virtude e, se há mais de uma virtude, em consonância com a melhor e mais completa entre elas” (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1098 a). Sendo assim, realizar as atividades de acordo com o logos, agir racionalmente como função própria do homem, é realizá-las bem. O bem humano (eudaimonia) é a atividade que expressa virtude, que são as atividades realizadas pelo logos, tais como: os desempenhos cognitivos (chegar à verdade com relação a certos objetos) e desempenhos práticos (subordinar as faculdades apetitivas a determinada regra) de acordo com o logos.

Se o solo Socrático/Platônico/Aristotélico ergue as duas instituições nesse movimento estrutural que propomos acima, Religião e Ciência, estas são complementares e fazem parte de um mesmo centro propulsor (Verdade Virtuosa), duas faces da mesma moeda constituída pela metafísica. O verdadeiro conhecimento é, no fundo, um movimento de fé.

Se estivermos verdadeiramente atentos à palavra e meditarmos o que ouvimos, o nome "filosofia" nos convoca para penetrarmos na história de origem grega da filosofia. A palavra philosophía está, de certa maneira, na certidão de nascimento de nossa própria história.

(HEIDEGGER 1996 p.29)

Conforme podemos observar os indícios motivadores da criação de Estado, nas teorias da segurança e permanência da passagem do nomadismo para o cultivo de terras, passou-se a configurar o uso da Razão e da Moral como poder de controle em detrimento da antiga força física natural do homem. Com essa alteração, as estratégias de poder poderiam ser desenvolvidas como conhecimentos verdadeiros e princípios morais, e assim criar propostas de desigualdades como mascaramento de igualdade.

Na modernidade, as revoluções: Inglesa (1640-1688), Americana (1776 – 1791) e a Francesa (1789 – 1799), resguardando suas particularidades, tinham em comum os revolucionários justificarem suas rebeliões e reivindicarem seus direitos fundando-se na existência de um contrato entre governantes e governados, e alegando os governantes não cumprirem a parte que

lhes cabia, seja se colocando acima das leis promulgadas, seja abusando de seus poderes e consequentemente admoestando os direitos inatos dos homens, de igualdade.

As filosofias de Locke, Voltaire, Rosseau, Jefferson, entre outros, contribuíam como embasamentos emancipadores, conforme Lipson:

Emprestam tanto relevo às hipóteses de um contrato social e as leis da natureza, bem como à reivindicação dos direitos do indivíduo à liberdade e à igualdade. A inclusão da natureza como elo da cadeia de raciocínio possuía uma finalidade especial. Os homens, insatisfeitos com a ordem existente, pretendiam possuir um termo e um critério de comparação. Verificaram ser útil admitir a existência de um estado de natureza que precederia o estado civil organizado.  
(LIPSON, 1976 p.161)

Neste ínterim, surgem as filosofias morais para melhor interpretar esses entornos do princípio central "todos os homens são iguais", como diria com bastante clareza Jeremy Bentham, fundador do utilitarismo inglês: "a pessoa há de ser levada em conta como um indivíduo, e ninguém será mais do que um indivíduo – talvez a mais sucinta e menos equívoca fórmula do igualitarismo jamais expressa em poucas palavras. (LIPSON, 1976 p. 163). Todos esses progressos sobre o princípio de Igualitarismo, provém de uma vinculação prática com as teorias abstratas dos estóicos e a aplicabilidade romana, durante diferentes séculos, partindo também da realidade para aproximar das abstrações.

Infelizmente, as desigualdades geradas por preconceitos a fim de manter o poder concentrado na mão de poucos, mantendo o poder hegemônico das oligarquias, cria-se preconceitos engendrados como estúpidas ideologias, infundadas e perniciosas, tais como: superioridade racial, superioridade por antepassados (linhagens), superioridade do patriarca, superioridade religiosa, superioridade cultural, dentre outros absurdos, objetivando domínios de privilégios, abandonando as teorias de igualdade na prática.

O domínio de privilégio de modo teórico sistemático pode ser atribuído a Aristóteles em seu debate questionador "Que faz alguém um cidadão?" na obra intitulada A política, eis que sua resposta se divide em duas, conforme tão bem explicitado por LIPSON:

"O cidadão é o homem que participa da administração da justiça e do exercício dos cargos públicos". Aristóteles que dizer com isso que os cidadãos devem ser por igual, sujeitos à autoridade e participante do seu exercício. Não de desempenhar os papéis correlatos de governantes e governados. A essa doutrina, porém, segundo a qual é cidadão quem faz parte de um corolário. Aqueles descritos como cidadãos têm de possuir requisitos de capacidade que os qualifiquem para aqueles dois papéis. Na opinião de Aristóteles, requer aptidões especiais de caráter e inteligência, que não se encontram necessariamente em todas as pessoas. Ele chega a classificar alguns dos seres humanos como "escravo por natureza". Daí decorre a conclusão de que "não temos necessidade de classificar como cidadãos todos aqueles sem os quais não existiriam cidades"  
(LIPSON, 1976 p. 117)

Em vista a esses argumentos de desigualdades, seja em relação a esfera racional que devem haver competências especiais naturais ou necessariamente apreendidas, para realizar determinadas funções, seja em relação a escolha por um ser Supremo a determinadas vocações, o Governo se torna uma "Oligarquia", sentido literal da palavra grega, Governo (arche) de poucos (oligoi). Entretanto,

É preciso pôr em questão, novamente, essas sínteses acabadas, esses agrupamentos que, na maioria das vezes, são aceitos antes de qualquer exame, esses laços cuja validade é reconhecida desde o início; é preciso desalojar essas formas e essas forças obscuras pelas quais se tem o hábito de interligar os discursos dos homens; é preciso expulsá-las da sombra onde reinam. E ao invés de deixá-las ter valor espontaneamente, aceitar tratar apenas, por questão de cuidado com o método e em primeira instância, de uma população de acontecimentos dispersos.  
(FOUCAULT, 2008 p. 19)

Como bem nos alerta Foucault, é preciso sempre pôr em questão essas sínteses acabadas, quando propomos um olhar para a história da filosofia, ao analisarmos de modo essencial, em vista do nosso objetivo, as duas perspectivas da história da filosofia compostas por Hegel (1770 – 1831) e Nietzsche (1844 – 1900), dois pensadores pertencentes à modernidade e vicissitudes do séc. XIX, ocupantes do mesmo ofício- fazer filosofia, pertencentes à mesma nação, possuidores da mesma língua materna, experiências acadêmicas como professores de universidade, inaladores de atmosfera romântica, dentre outras possíveis similaridades dentro da grandeza das diferenças. Foi possível identificar grandes diferenças nas duas abordagens da história da filosofia, tanto em relação à forma quanto em relação ao conteúdo.

Hegel desenvolvedor de um sistema oriundo de um materialismo-espiritualismo histórico, concebe com destaque as ideias e obras de Aristóteles dentre o idealismo clássico. Na análise de Heidegger:

Hegel participa da convicção dominante no que se refere ao caráter clássico da filosofia platônica e aristotélica. Ele mesmo até lança base para a opinião segundo a qual os pensadores primitivos são os filósofos pré-platônicos e pré-socráticos, pois concebe-os como pré-Aristotélicos.  
(HEIDEGGER in Os pré-Socráticos, 1976 p.20)

Heidegger continua a sua constatação com a passagem de uma fala de Hegel, ao proferir em um de seus cursos sobre a história da filosofia, onde fala das fontes para o conhecimento na época da antiguidade:

"Aristóteles é a fonte mais fecunda. Ele estudou expressamente e a fundo os filósofos antigos e dele falou, sobretudo no começo de sua *Metafísica* (mas também em outros livros), segundo a ordem histórica. Ele é tanto filósofo quanto erudito; podemos ter confiança nele. Para a filosofia grega, não há nada melhor a fazer que conhecer o primeiro livro de sua *Metafísica*" (Obras Completas, XIII, p.189)  
(HEGEL *apud* HEIDEGGER in Os pré-Socráticos, 1978 p.21)

Nietzsche desenvolveu grandes críticas ao idealismo clássico, almejava: a transmutação da Metafísica em Física, a Transvaloração dos valores morais, a destituição da santificação da verdade, a restauração do corpo e seus instintos, e a supremacia das forças vitais. Valorizava a atitude dos mestres antigos, os pré-socráticos, em detrimento do idealismo clássico iniciado por Sócrates. Para o filósofo,

Enquanto, em todas as pessoas produtivas, o instinto é justamente a força afirmativa-criativa, e a consciência se conduz de maneira crítica e dissuasora, em Sócrates é o instinto que se converte em crítico, a consciência em criador – uma verdadeira monstruosidade per defectum!  
(NIETZSCHE, 2007 p. 83)

Sobre a verdade, Nietzsche dirá:

Se não tivéssemos aprovado as artes e inventado essa espécie de culto do não verdadeiro, a percepção da inverdade e mendacidade geral, que agora nos é dada pela ciência – da ilusão e do erro como condição da existência cognoscente e sensível – seria intolerável para nós  
(NIETZSCHE, 2012 p. 124 §107)

A perspectiva da história da filosofia proposta por Nietzsche visa à forma, como própria da atitude filosófica, resplandece os pré-socráticos em mestres antigos, trazendo-nos toda magnitude de suas diversas ideias. Portanto, visa mostrar um ângulo da história da filosofia comumente subestimado na nossa sociedade, os limites da razão, as forças físicas como potência, a valorização dos instintos, a verdade como invenção, a multiplicidade de forças, a moral como criação cultural e a diferença. Enquanto que, na perspectiva da história da filosofia proposta por Hegel visa-se o conteúdo, assim como, a atitude filosófica de pensar o pensamento, como múltiplas ações progressivas que compõem um uno espírito universal. Portanto, visa prosseguir com o idealismo, predominante da história da filosofia.

Dessas diferentes perspectivas podemos continuar a levantar questões. Se de uma mesma história pode-se ter perspectivas tão diferentes, tão opostamente valoradas em determinados pontos, ângulos tão variados, que podemos vislumbrar o problema de uma verdade histórica.

Por fim, esse olhar não termina aqui, continuarei a enxertar carne nesse frágil esqueleto de texto, por hora, sigamos abrindo os espaços e analisando a questão sine qua non da nossa empreitada metapolítica: A questão moral. Destarte, é preciso que retorne aos ouvidos, a cada interpretação "fálica pessoal e/ou social", a seguinte questão como inferência máxima, como bem nos ensinou Nietzsche, "esse valor moral causa degeneração ou plenitude da vida, induz força ou empobrecimento da vida? Pois, ao nos depararmos com os escritos que escapem a

nossa moralidade greco-romana clássica, comumente surgem: bloqueios do pensamento, abalos nos constructos culturais, alterações corporais bioquímicas dadas pelo desprazer imediato e então, retornamos depressa a margem. Cantemos a questão supracitada, mais alta, até ecoar aos nossos ouvidos para que possamos ouvir mesmo mergulhando fundo. Uma nova moral que coloque a vida em sublime imperativo é isenta de culpa.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓFANES. **As Nuvens**. Trad. David Jardim Junior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1988.
- ARISTÓTELES. A política. Trad. Nestor Silveira Chaves. São Paulo: Lafonte, 2017.
- ARISTÓTELES. METAFÍSICA. Trad. Edson Bini. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2012.
- ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. Trad. Torrieri Guimarães. São Paulo: Martin Claret, 2010.
- BERGSON, Henri. **O Riso**: ensaio sobre a significação do cômico. Trad. Nathanael C. Cai-xeiro. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1983.
- BORNHEIM, Gerd. Filosofia e Poesia. Matraga – vol.1 nº o – Rio de Janeiro: UERJ;IFL, 1986.
- BORNHEIM, Gerd. O Pensamento filosófico em bases existenciais. Porto Alegre: Editora Globo, 1970.
- CASSIN, Barbara. Jacques, o sofista: Lacan, logos e psicanálise. Trad. Yolanda Vilela. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- CANDIOTTO, César. Foucault e a crítica da verdade. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Curitiba: Champagnat, 2013. - (Coleção Estudos Foucaultianos)
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. O que é a filosofia? Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. (3ª ed.) São Paulo: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles. Conversações. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DESCARTES, René. Meditações. (Col. Os Pensadores) Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1979
- DERRIDA, Jacques. A escritura e a diferença. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. , -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. Histoire de la sexualité, II: l'usage des plaisirs. Paris: Gallimard, 1984a

FOUCAULT, Michel. Histoire de la sexualité, III: le souci de soi. Paris: Gallimard, 1984b

FOUCAULT, Michel. Dits et écrits, III. Édition établie sous la direction de Daniel Defert e François Ewald, avec la collaboration de Jacques Lagrange. Paris: Gallimard, 1994

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. , -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. A verdade e as formas jurídicas. Trad. Eduardo Jardim e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Nau, 2013.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Introdução à história da filosofia. (Col. Os Pensadores). Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

HEIDEGGER, Martin. Que é isto – A filosofia; Que é Metafísica; O fim da filosofia e tarefa do pensamento; Sobre a essência do fundamento; Sobre a essência da verdade; A constituição Onto-teo-lógica da Metafísica (Coleção os Pensadores). Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

LAËRTIOS, Diôgenes. Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres. Trad. Mario da Gama. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

LIPSON, Leslie. Os grandes problemas da ciência política. Trad. Thomaz Newlands Neto. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

MACHADO, Roberto. Nietzsche e a verdade. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

MARCUSE, Herbert. Eros e Civilização – Uma crítica Filosófica ao pensamento de Freud. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968

NIETZSCHE, Friedrich. Sabedoria para depois de amanhã (seleção de fragmentos póstumos por Heinz Friedrich) Trad. Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo. Trad. J.Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. A vontade de poder. Trad. Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. A filosofia na era trágica dos gregos. Trad. Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2011

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. A gaia ciência. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

OS PRÉ-SOCRÁTICOS: fragmentos, doxografia e comentários. Trad. José Cavalcante de Souza. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Col. Os Pensadores)

PLATÃO. A República. Trad. Ciro Mioranza. São Paulo: Lafonte, 2017.

PLATÃO. Diálogos. (O Banquete, Fédon, Sofista, Político) Col. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

PLATÃO. **Diálogos**. (Eutífron, Apologia de Sócrates, Críton, Fédon) Col. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

RUSSEL, Bertrand. Historia da filosofia ocidental – Livro 1: A filosofia antiga. Trad. Hugo Langone. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.